

A CANÇÃO DO CANCIONEIRO E **OUTROS POEMAS**

LU CAVALHEIRO





Em **A CANÇÃO DO CANCEINEIRO E OUTROS POEMAS: UMA ANTOLOGIA DE MEMÓRIAS, SORRISOS E LÁGRIMAS**, você encontrará uma antologia poética de Lu Cavalheiro. A antologia é dividida em três partes: a *Poética*, com poemas, a maioria escritos em 2017 mas nunca publicados; os *Insta-haikai*, haikais escritos em 2022 e a maioria deles publicados na conta do Instagram da autora; e a titular *Canção do Cancioneiro*, um poema narrando o início, meio e fim do romance entre o titular *Cancioneiro* e sua amada *Rouxinol*.

A CANÇÃO DO CANCIONEIRO E **OUTROS POEMAS**

uma antologia de memórias, sorrisos e lágrimas

Texto: © 2022 Lu Cavaleiro

Artes: © 2022 Arikel Erthal

Texto licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual
CC-BY-SA 4.0 Internacional

DADOS DA PUBLICAÇÃO

Título: *A CANÇÃO DO CANCEIRO E OUTROS POEMAS*

Autoria, revisão e diagramação: Lu Cavalheiro

Artes: Arikel Erthal

Ano de publicação: 2022

Licença do texto: *Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA 4.0 Internacional* (https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)

O poema *A CANÇÃO DO CANCEIRO E OUTROS POEMAS* é uma narrativa ficcionalizada e fantasiada do romance entre duas pessoas, identificadas apenas como *Canceiro* e *Rouxinol*. Os versos tentaram captar do início ao fim como a história entre eles foi, mas algumas coisas foram omitidas, outras exageradas – esta é a maneira da poesia de ser ela mesma poesia do poema –. Em nenhum momento revelarei quem são os envolvidos nessa história, mas ambos saberão se um dia a lerem.

Os demais poemas da antologia *A CANÇÃO DO CANCEIRO E OUTROS POEMAS* descrevem poeticamente narrativas ficcionais. Quaisquer semelhanças com pessoas, locais, situações ou outras obras é mera coincidência. Recomenda-se cautela ao leitor.

Livro não recomendado para menores de 14 anos, por mencionar consumo de álcool, relações sexuais e conter linguagem inadequada.

ÍNDICE

I: Poética	1
SOBRE A <i>POÉTICA</i>	3
AFRODITE	5
ALMA	6
CAFÉ E CIGARROS	7
DESEJO	8
INCENSO	9
POR QUE ESCREVO?	11
ORAÇÃO DO POETA	12
À MUSA	14
PRISÃO	15
AO MESTRE, COM AMOR	16
DIVÓRCIO	18
LÁBIOS CARMESINS	19
DEPRESSÃO	20
SUICÍDIO	21
PRECE À SELENE	22
TIMIDEZ	23
ABRAM ALAS!	24
SUSSURROS	25
TEUS OLHOS	26
FLOR MURCHA	27

O POETA E A MUSA	28
DECLARAÇÃO	29
AMOR PLATÔNICO	30
MINHA TERRA	31
MEU FLAGELO	32
EULOGIA ANEUDAIMÔNICA	33
CONSOLO À MUSA	34
SIRVENTE	35
SANTA IGNORÂNCIA	36
MEU GATO PEDRO	37
EGOLATRIA	38
AMOR EXAGERADO	39
FUNERAL	40
MEU JEITO (VERSÃO DE “MY WAY”)	41
SENTIR	43
ERATO DE DIADEMA	44
POETA DA CANÇÃO	45
CAFÉ	47
ANSIEDADE	48
MENSAGEM DOS MEUS VINTE ANOS	50
O POETA	51
AOS JOVENS, ENQUANTO HÁ TEMPO	52
A UMA GEMINIANA	53

II: INSTA-HAIKAIS 55

SOBRE OS <i>INSTA-HAIKAIS</i>	57
10 DE JULHO DE 2022	59
11 DE JULHO DE 2022	60
12 DE JULHO DE 2022	61
13 DE JULHO DE 2022	62
14 DE JULHO DE 2022	63
15 DE JULHO DE 2022	64

16 DE JULHO DE 2022	65
17 DE JULHO DE 2022	66
18 DE JULHO DE 2022	67
19 DE JULHO DE 2022	68
20 DE JULHO DE 2022	69
21 DE JULHO DE 2022	70
22 DE JULHO DE 2022	71
23 DE JULHO DE 2022	73
24 DE JULHO DE 2022	74
25 DE JULHO DE 2022	75
26 DE JULHO DE 2022	76
27 DE JULHO DE 2022	77
28 DE JULHO DE 2022	78
31 DE JULHO DE 2022	79
01 DE AGOSTO DE 2022	80
02 DE AGOSTO DE 2022	81
03 DE AGOSTO DE 2022	83
04 DE AGOSTO DE 2022	85
05 DE AGOSTO DE 2022	86
06 DE AGOSTO DE 2022	88
07 DE AGOSTO DE 2022	89
08 DE AGOSTO DE 2022	91
09 DE AGOSTO DE 2022	93
10 DE AGOSTO DE 2022	94
11 DE AGOSTO DE 2022	95
12 DE AGOSTO DE 2022	97
13 DE AGOSTO DE 2022	98
14 DE AGOSTO DE 2022	99
15 DE AGOSTO DE 2022	101
16 DE AGOSTO DE 2022	103
18 DE AGOSTO DE 2022	105
19 DE AGOSTO DE 2022	106

20 DE AGOSTO DE 2022	108
21 DE AGOSTO DE 2022	110
22 DE AGOSTO DE 2022	112
23 DE AGOSTO DE 2022	114
25 DE AGOSTO DE 2022	115
26 DE AGOSTO 2022	116

III: A CANÇÃO DO CANCEIRO	II7
SOBRE A <i>CANÇÃO DO CANCEIRO</i>	119
A CANÇÃO DO CANCEIRO	121
UMA CARTA AO ROUXINOL	143

PARTE I:
POÉTICA

SOBRE A POÉTICA

Eu passei quatro anos sem pensar em publicar em lugar nenhum. Após uma experiência desagradável, que prefiro manter para mim, julguei não mais valer a pena ter o esforço de minha escrita reconhecida, ou mesmo *conhecida*, por outras pessoas. Misanthropia? Talvez. Quem me conhece pessoalmente sabe que eu oscilo entre a extrema sociabilidade e o isolamento extremo, e nem sempre o humor acompanha essas oscilações.

Entretanto, isso não quer dizer que eu tenha parado de escrever. Oh, não, muito pelo contrário! Vez por outra, uma ideia me invadia a mente e eu a registrava, me enamorava dela e então a punha em uma gaveta qualquer. Às vezes, era um guardanapo de boteco no qual escrevia uns versos para impressionar uma pessoa e assim não terminar a noite na solidão – acredite, poesia serve para isso também. Não digo em redes sociais pois só recém voltei a ter presença nelas, então, para minha sorte, não terei que ficar catando ou pinçando onde diabos eu escrevi o quê. Na verdade, a segunda parte desta antologia, Sobre os *Insta-baikais*, é exatamente sobre os poemas que postei em minhas redes sociais, mais especificamente no Instagram e de lá repostados para as demais, então vamos deixar o arquivo digital para o momento exato dele.

Quando decidi publicar *A Canção do Cancioneiro* – a saga do namoro entre o *Cancioneiro* e a *Rouxinol* em 129 estrofes! –, vi que não era o bastante. Não era justo com os outros poemas, com as outras ideias que haviam invadido minha mente e feito com minha mão a prova de suas existências, deixá-los quietos em suas

gavetas. Confesso que muitos eu perdi – especialmente os escritos em guardanapos de botecos –, enquanto outros simplesmente não dizem mais respeito a quem sou hoje. Mas separei os que ainda falam comigo, os que ainda me dizem algo, o que ainda me são algo, e os organizei.

Desta forma surgiu a primeira parte desta antologia, a *Poética*. Recuperei todos os poemas arquivados, transcrevi e os coloquei aqui. Não os ordenei seguindo nenhum critério especial: não seria possível ordená-los, exceto pela ordem alfabética de seus títulos, mas esse é um método apropriado para um abecedário. Espero rever os sentimentos que eles me suscitaram na época, e espero que você que me lê também sinta algo. Talvez nossas emoções discordem veementemente do que os versos querem dizer, mas o importante é que eles digam algo, para você, para mim, para quem os ler.

Talvez, esta seja a parte mais longa desta antologia. Como eu disse, ela é uma memória, um registro fóssil, se assim você preferir, de como eu escrevia e sentia no passado. As metafóricas poeira da gaveta e amarelamento dos papéis não diz apenas sobre a tolice de os ter guardado. Diz a você – e a mim – como eu era, como eu escrevia, o quanto eu escrevia. Noto que até hoje tenho essa facilidade, de expressar-me como poesia, mas ao ler esses fósseis, essas memórias, ver que eu ao mesmo tempo era muito melhor e muito pior como poeta do que sou hoje, sorri. Afinal, memórias, apenas memórias, memórias pequenas, memórias...

Admito, porém, que a parte mais enjoada foi ter que os diagramar, mas esses são os ossos da vida de uma escritora independente. Nada que um pouco (**muita**, na verdade) de paciência e um bom editor de textos não resolvesse. Mas acertar os detalhes como rodapés e espaçamento entre as estrofes... nessas horas é que eu vejo o quanto a independência custa.

Enfim, sem mais palavras tolas. A poesia pede espaço, ela pede que abramos as alas pois ela quer passar!

AFRODITE

Já sinto orgulho de ti
Por como musa me teres
Só tu sobre todos os seres
Em meus versos a abundar

Afrodite, bela musa, minha
Não tenhas receio nenhum
Não terei de ti asco algum
Nem de nenhuma obra tua

Ser tua musa me traz vida
Esperança para este suicida
Querer fazer da alma vivida

Mas não só vivo de orgulho
Gosto de atenção, querida
E de ser o bem de teu olho

ALMA

Sentada à margem fria do rio
Mirando o nada com seu vazio
Dizendo a si “com nada sorrio”
Perdida em si tal qual um vadio

“Para onde ir?”, ela se pergunta
A indecisão tornada dor conjunta
Nadar contra a correnteza funda
Ou levar-se pela água profunda?

Sabe ela o que quer? Eu não sei
Havendo como, eu até ajudarei
Porém por ela eu nada decidirei

Nunca se banha duas vezes no rio
Só de pensar nisso eu já sorrio
Ela, sentada, está em prisão vil

CAFÉ E CIGARROS

Estou sentado em minha vida
Contemplando a fumaça curvilínea
A xícara plena de vontade líquida
Me desancorando da vida apolínea

São companheiros fantásticos
Café e cigarros, motor e combustível
Tomam a vida para torná-la vivível
Trocando por real todos os plásticos

Se eles me ancoram à escrita
Pelo menos alimentam minha musa
Com o gosto amargo e o som da pirita

E assim a musa mais bela me usa
Versos saem enquanto se pita
E vigor surge pra quem do café abusa

DESEJO

Imaginar-me perdido em tuas curvas
E afagado em teu frondoso colo
São o cobertor em que me enrolo
E me entrego às vontades turvas

Mas és tão distante de meu toque
Como se tivesses medo da entrega
Ansioso, meu peito arde e resfolega
Meu ser quer algo que o gratifique

Trocamos apenas libidos virtuais
Atiçamos em nós o fogo da alma
Com jogos de palavras sensuais

Ah, quisera eu poder dar-te um beijo
Tê-la em meus braços e na cama
E assim saciar meu feroso desejo

INCENSO

A fumaça que sobe purifica o altar
E prepara as preces que vêm
Em curvas suaves ela toma o templo
Rezando com os outros pra alguém

Oh, aroma, santo em si mesmo
Purifica as almas também
Oh, aroma, sobe bem alto
Alcança a Deus, amém!

O templo está de portas abertas
Mesmo que não venha ninguém
O sacerdote prepara as preces
Com todo o poder que ele tem

Oh, aroma, prece aos divinos
Mal sabe o poder que tem
Oh, aroma, incenso dos céus
A todos garanta teu bem

O povo chega tímido ao altar
Pois não sabe viver sem
As preces de joelhos são ditas assim
E agradecidas com joia e item

Oh, aroma, faz tua parte
Abençoa a eles também
Oh, aroma, conforto do povo
Reza pra Deus, amém

POR QUE ESCREVO?

Porque tenho uma boa Musa
Uma que desperta em mim o sentir
Uma que tenho medo de vê-la partir
Após meses de cortejos falhos

Sou apenas um pobre Poeta d'Ela
E dependo de suas graças para escrever
E preciso dela para querer viver
Uma existência que não seja vazia

Se me questionas o parco talento
Em minha defesa digo ser mero moral
Que busca nos versos a ti alento

Porque existes agora escrevo de novo
Da forma e do meu jeito normal
E faço saber meu amor ao povo

ORAÇÃO DO POETA

Quisera eu ser um poeta dos bons
Do tipo que a musa merece
Mas sou apenas um mal rimador
Que de alma e talento carece

Oh, musa, deusa e profana
A este teu servo perdoa
Oh, musa, bela e singela
De minha alma condoa

Como prece coloco meus versos a ti
Mesmo que sejam ruins
A tua beleza eu tento cantar
Ao custo de muitos nanquins

Oh, musa, dona e senhora
Encontra graça nos versos
Oh, musa, dama e perfeita
Faz dos meus males inversos

Os pés de minha deusa ouço chegar
É Afrodite que vem
Beleza como essa não há igual
Só a de Afrodite, meu bem

Oh, musa, pura e impudica
Aceita minha mão para ti
Oh, musa, amiga e amante
Toma teu servo pra si

À MUSA

Não te preocupes com nada além de ser musa
Nada te pedirei a não ser o que possas me dar
Contaste a mim teu passado, que irei respeitar
Não sou do tipo que força, insiste ou abusa

Vontades e desejos maiores eu tenho, fato
Mas seguirei tua marcha em nossa jornada
Mesmo ardendo no peito chama exacerbada
Terei por ti, oh doce Afrodite, carinho e tato

Sou do tipo mais paciente quando lido contigo
Pois sei o quanto dói um coração partido
E entre nada ter prefiro ser-te musa e amigo

Se em teu âmago acender o fogo aguerrido
Podes me dizer sem medo que não ligo
Pois essa é a esperança deste poeta vadio

PRISÃO

Longos são os éons tristes que nos separam
Eu preso aqui a ensejar por um toque de tua mão
Cadeias longas me vinculando ao frio chão
Até de nossos olhares lânguidos nos privaram

Vinde a mim, oh, Musa dos meus sonhos
Presentei-me com teu glorioso ósculo
Mas antes tira de tua face esse óculos
Para que não ocorram acidentes risonhos

Se quero só a tua presença nesta jaula
É por ter nela meu único conforto frio
Contra a desesperança, a pior das aulas

E poder meu pranto pousar em teu seio
Livrar-me dos pesadelos vividos em valas
Tenho apenas esta carta tua que leio

Ao MESTRE, COM AMOR

Ah, Mestre... Finalmente te entendi
Quando disseste que o amar é louco
E podemos ser fiéis a duas pessoas
A uma amaremos com a mente em si
Enquanto à outra o coração canta rouco
E aos dois amores o bom Deus abençoa

Custou-me crer em tua santa sapiência
E em teu domínio sobre nossos segredos
Guardados fundo no sombrio da alma
Mistérios negros para os quais a ciência
É eficiente como um barco aos rochedos
Soçobrado indefeso pelas águas calmas

Sei agora da verdade de teu Ensino
Quando a loucura iluminou meus olhos
E removeu as viseiras cegas do vulgo
Agora meu amar não jaz solto ao vento
Mas devotado às musas como espólio
Testamento poético do sentir fecundo

À Dama da Noite, minha Marília eterna
Peço que não me negues teu doce beijo
Se discordares do que aprendi do Amor
Pois teus olhos guiam-me como lanternas
Levando-me pela estrada do teu desejo
Que contemplo como à tua rosa em flor

Permita-me amar-te como o Mestre diz
Tu, que já viste em meus olhos o espírito
Que anima minha pena a esta canção
Para nós dois a moralidade não condiz
Pois, bravio, o sentimento causa frêmitos
Que guardam o segredo da pura emoção

E a ti, bom Mestre que amar me ensinou
Agradeço como nunca por ter respondido
O enigma que me conduzia à demência
Agora posso dormir, a mente se acalmou
Amar sem da felicidade ter me evadido

DIVÓRCIO

A nau singra às cegas pelos negros mares
A tempestade te urge toda sua violência
Dangerosíssimos são esses teus viajares
Ainda mais quando te calas a clemência

Saíste das águas rasas sem uma quilha
Teu cordame não é melhor que linho velho
Tua rota não mais poderá ser uma linha
Quando fugiste do teu algoz com restelho

Mas quando viste bom porto não o quis
Achou-se capaz de navegar como estava
E foi apenas por culpa de outros, tu diz

Vai, singra com tua jangada pelo mar
O sorriso de Selene sobre ti brilhava
Mas é ele a foice que irá ao fim te julgar

LÁBIOS CARMESINS

Como dói-me ver teus olhos mareados
E a impotência de levar-te um sorriso
É como se me faltasse o chão que piso
Ou singrasse por mares não navegados

Queria poder enxugar esse teu pranto
Passar a mão em tua face para dizer-te
“Tudo há de ficar bem”, e consolar-te
Mas agora posso só dar-te meu canto

É importante para mim ver-te bem
Preocupa-me quando somes assim
Achando não ser querida por ninguém

Oferto a ti meu pobre canto outrossim
Na esperança de poder ser alguém
A fazer sorrir teus lábios carmesins

DEPRESSÃO

Lágrimas se derramam nas teclas do meu piano
As teclas como um derradeiro conforto da alma
Lembram que já tive o mundo inteiro na palma
Com a potência agri doce de um potente soprano

Todo o vigor se esvai com o pranto incontível
Memórias boas se alternam com frieza imerecida
Abrindo sob os pés a terra para mim desaparecida
Reduzindo meu viver ao mais asqueroso nível

As cicatrizes no espírito ardem mais que fogo
Corroendo-me as conquistas de toda uma vida
E deixando aos duros versos o escape e desafogo

Não sei se colhi os frutos da crueldade merecida
Ou se apenas anseio pela falta de um “até logo”
Mas afundo-me cada vez mais nessa vil descida

SUICÍDIO

Os anos passaram céleres sobre minha alma
Deixando pouco mais que pegadas na areia
E enredando-me como cruel canto de sereia
Enquanto pisava em minha face com calma

Escolhi a única porta que me traria salvação
A morte, suave amante, corteja-me de perto
Sob o travesseiro, a adaga de metal esperto
Chamando-me para o fim de toda a aflição

Tomo seu cabo de osso entre os dedos frios
A lâmina, convidativa, pede por meu sangue
Um tal pensamento não me causa calafrios

Deixo o metal fazer do meu corpo exangue
Entrego-me ao juízo final com doce sorriso
A paz do suicida cuja vida enfim se extingue

PRECE À SELENE

É meio trágico estar nessa torrente de pensamentos
Quando na verdade a mente queria estar toda vazia
Selene, Mãe de Muitas Faces, dai a mim tua alegria
E a sabedora prístina de todos os seus momentos

Rezo a ti, Deusa minha, por conforto na hora escura
Imploro a ti por teu gracioso manto como proteção
E peço humildemente que confortes meu coração
Pois eis que caminho por uma estrada muito dura

Sei que ouves e atenderás essa minha breve prece
E no tempo certo tirarás de meu peito esse espinho
Como de todos filhos teus, de mim te compadece

Teu sorriso argênteo é a foice que abre caminhos
Rogai por mim, Mãe Lua, se tua graça te apetece
E livrai-me do cruel mal de estar à noite sozinho

TIMIDEZ

Pois como a rosa que nasce no pântano
Foi em meu peito o desabrochar de algo
Mas me faltaram palavras de um fidalgo
E a mente vestiu o estupor do láudano

Por tuas vestes negras meu olhar sorriu
E por teu espírito me surgiu o interesse
Fiz, porém, papel de tolo que se esquece
Até mesmo do que ele mesmo já viu

Ah, quisera eu poder voltar àquele dia
E ter-lhe dito com palavras verdadeiras
O que de um golpe minha alma sentia

Temí o “não”, e ali perdi as estribeiras
E o silêncio da falta de jeito me faria
Dizer a ele, que tanto prezo, besteiras

ABRAM ALAS!

Abram alas, o pervertido voltou!
Trouxe de volta sua força louca
E a fome pela vida que tem pouca
Depois do renascer por que passou

Abram alas, o libertino está na casa!
Para saciar suas vontades imorrentes
E sambar na cara da sociedade doente
Saciando do coração sua eterna brasa

Por que não dizer que o poeta está vivo?
Com todos os seus moinhos de vento
A impulsionar a roda da história altivo

Abram alas, eu sou o poeta e ainda sinto
Além da fome de vida um grande alívio
Por deixar no passado um vil pensamento

SUSSURROS

Meu quarto é algo vagamente familiar
Um ente perdido numa memória vazia
Do qual não carrego mágoa ou alegria
É só um espaço que não consigo ocupar

De longe ouço o crepitar de sussurros
Falam em remédios e coisas estranhas
Gelat-me, porém, o âmago das entranhas
E levam meu humor às raías do casmurro

Por fim os sussurros se tornam reais
Vultos brancos me prendem como tenazes
Espalhando no braço dores sem iguais

Por fim voltam-me lembranças insagazes
Quartos de manicômios, a mim naturais
Nos quais as sanidades são incapazes

TEUS OLHOS

Admira-me como me perco na imensidão de teus olhos
Profundos mares negros insingráveis de puro mistério
Cheios de segredos tão invioláveis como um monastério
Suaves como a pena que escreve e densos como petróleo

Quisera eu poder descobrir o que eles trancam tão bem
Mas esquiva-te de qualquer chance que eu possa ter
De me aproximar o bastante para deles poder saber
E conhecer-te, como eu tanto gostaria, como ninguém

Se teu humor fosse mais consoante com meu desejo
Não temeria jamais pedir-lhe a maior das intimidades
A verdadeira, não aquela fabricada com sexo e beijo

Lembrar de teus olhos sem tê-los evoca-me saudades
Mas sou impotente perante aos muros de meus ensejos
Distante como estou, separado deles por tantas cidades

FLOR MURCHA

Todas as paixões já parecem ter sido vividas
E a flor que antes brotava viçosa agora seca
Em um coração que pela doce solitude peca
Ou se acerta antes de mais emoções vívidas

A flor era uma bela ideia que lhe alimentava
Uma paixão pela qual valia continuar a existir
Mas mui amargo foi desse sentimento o porvir
E a dor que ele causava em ti só aumentava

Correta estás por dar-te um tempo de descanso
Cicatrizes são menos dolorosas que tais feridas
E demorará para teu coração ser de novo manso

Enquanto isso, atenha-se às coisas boas da vida
Não seja como o arco do violino, que vive tenso
Mas pisa leve ao lado das flores de tua alameda

O POETA E A MUSA

Mal sabe a Musa o poder que possui
E como o Poeta é dela seu servidor
Em versos que vazam sorriso e dor
Ele canta alegre o que d'Ela ele intui

Pode a Musa até mesmo desconfiar
Se o Poeta lhe é fiel em seu amor
Seria injusto, pois ele é um sofredor
Que a ela se entrega por só a amar

Ao Poeta basta que a Musa exista
A razão de seu viver ela se torna
E faz que ele em seu ofício insista

Poeta sem Ela é vida que contorna
Sem razão para que vivo persista
E vazão para o sentir que entorna

DECLARAÇÃO

Me fascina essa tua inteligência aguda
Tua força infindável na faina diária
Teus olhos, de uma profundidade rara
Muito acima de toda essa gente miúda

Me encanta essa tua fragilidade falsa
Tua delicadeza de pétala de rosa nova
A maciez com que meu verso te trova
Como vinho bom derramado em fina taça

Me seduz tua coragem de ser ti mesmo
E me induz desejo a forma como ages
A postura firme de quem não é a esmo

Me veem palavras para ti como viagens
O anseio para não dizer-te em aforismo
Que o que sinto por ti não são miragens

AMOR PLATÔNICO

Não me canso de entregar-me à tua forma ideal
Ao modelo perfeito de ti que ergui na mente
E ao qual entrego tudo que o coração sente
Das poesias mais sublimes ao desejo animal

Não me incomoda que não possas me amar
Nunca esperei de teu peito nada em troca
Pois sei que nada em mim em tua alma toca
Exceto, talvez, os versos que arrisco rimar

Disseste “não” e ainda assim te amo
Como ser pleno em meu mundo das ideias
E ao escrever ainda é teu nome que clamo

Tu faz de minhas inspirações cheias
Teu modelo platônico deixa meu espírito calmo
E faz correr o bruto sangue em minhas veias

MINHA TERRA

Na minha terra nascem plantas de muitos sabores
Na minha terra resplandecem os cheiros de teus amores
E pensar que em minha terra distante tua flor nasceu
Cercada pelos doces afetos e de ternura que você conheceu

Na minha terra as coisas nasceram conforme o ano
Desde o liso espigar da cevada até o lustro do ébano
E registro nestas linhas os versos de um coração ardente
A cantar as belezas todas de uma terra tão diferente

Em minha terra muito pouco arada pelo tempo
Nada impediu nascer as mil rosas que dei pra ti
Como sinceras promessas d'ouro que não se joga ao vento

São os frutos de minha terra as palavras que escrevi
Registrando por meio delas tudo o que senti:
O desejar pela infinitude dos instantes que contigo vivi

MEU FLAGELO

Como eu queria ter palavras para cantar
Aquilo que flameja por ti em meu peito
Mas elas não me seguem, sem jeito
A timidez, meu flagelo, vive a me frear

É difícil descrever uma paixão platônica
Ainda mais quando a musa é tão real
E para mim não existe nada a ela igual
Que me toca como uma bomba atômica

Há tantas coisas em minha alma a dizer
Para ti, alegria de meus olhos, que me perco
E me sinto como se idiota fosse parecer

Meu sentimento parece estar em cerco
Incapaz de ter espaço para seu amanhecer
Ainda mais quando na vergonha me perco

EULOGIA ANEUDAIMÔNICA

Escuto o vazio pingando em mim
Gotas grossas como o vento seco
Alimentadas pelo prazer, ainda pouco
De procurar pelas flores em meu jardim

De carreira em carreira busco a ti
Felicidade perdida há muito pro nada
Caminho melhor não há para a queda
Para a loucura, para o perder de si

Onde raios foi que me perdi, pergunto
A solidão, nêmesis eterna, diz
“Quando te tornaste de ti um defunto”

Falou ela com a beleza da flor de lis
Ela, a maior especialista nesse assunto
E que vê ser essa a vida que eu quis

CONSOLO À MUSA

Queria afagar teus cabelos longos com calma
E dizer-te palavras gentis como bom poeta
Para ajudar-te a sair da obsessão que detesta
Que tanto prende o viço e vigor de tua alma

Se eu pudesse levar-te-ia para um cinema
Um teatro, uma distração para ti qualquer
A uma ordem tua eu seguiria o teu escolher
E me divertiria contigo em qualquer tema

Mas o que posso te dar agora é tão pouco
São esses versos ruins que sei rascunhar
Misto de amor platônico e delírio de louco

Por favor ao lê-los tente não se acabrunhar
Ou desfazer deles como se fossem moucos
Pois são sinceros versos do espírito a brotar

SIRVENTE

Gosto de olhar para cima para ver os olhos teus
Umedeço meu desejo só de imaginar tal cena
Eu, ali, parada, perante a musa de Diadema
Na ponta dos pés para sussurrar os versos meus

A altura eu compenso com o fogo do coração
Ou um salto agulha, o que estiver mais fácil
Ainda que se quiseses a minha chama dócil
Serei obediente em toda a minha inspiração

Imaginar-te maior que eu tanto me ilumina
Com o rubor que apenas meu sentir sincero
Que meu pensamento à mais nada se atina

Delicio-me nesse fogo impuro e nada austero
Acariciando a tua imagem em minha retina
E esse meu flamejar, oh Musa, não modero

SANTA IGNORÂNCIA

Navegar por mares nunca antes singrados
Revela o quão negras são águas gélidas
Que rodeiam nossa sanidade, páfidas
Uma ilhazinha onde vivemos amontoados

Para tais mares não fomos feitos para ir
Mas há aqueles que insistam no feito
Pondo suas mentes à prova desse jeito
Até aos Abismos da Loucura sucumbir

Abençoada é a ignorância dos homens
Incapaz de correlacionar seu conteúdo
E assim aguardar pela paz entre nuvens

Aos mais fortes, ah, esses eu saúdo
Pois embora não valham dois vinténs
Eles têm a mente dissolvida de conteúdo

MEU GATO PEDRO

Obedeces a mim sem questionar
Vens quando chamo teu nominho
És o melhor dos meus filhinhos
De ti coisa alguma tenho a reclamar

Cura-me com tua doce presença
Quando os males da alma aparecem
Ou as mil dores do corpo prevalecem
E protege-me de toda a doença

Pedro, meu bom menino, és um anjo
Tuas patas atendem quando chamo
E tua bondade é tal que eu a esbanjo

Dormes agora ao meu lado, criança
Meu filho de pelo, a quem tanto amo
Mantenedor fiel de minha esperança

EGOLATRIA

Falam que amor é algo que se projeta
Mas esquecem que o peito é em si
Não falam que se beijar sabe a cassis
E que a alma é companhia perfeita

Como procurar outros sem amar-se?
Um ego fraco se liga a pessoas ruins
Conspurcando os sagrados jardins
Que na alma puro e santo nascem

Eu me amo, mais do que a outro
Amor selvagem, sem regras, amor
Arisco como o mais selvagem potro

Por me amar posso amar alguém
Mas não me será de bom favor
Se o outro não se amar também

AMOR EXAGERADO

Se eu amo, cada fibra do meu ser
Ressoa o nome do meu bem querer
Cada neurônio se fixa nesse sentir
E por ele minha alma quer existir

Vivo esse amor no máximo exagero
Nem mesmo o bom senso pondero
Sou desses de fazer uma serenata
Composta na hora como uma cantata

Pouco e nada são o mesmo pra mim
Em se tratar de um sentir nobre assim
Que faz nascer flores em meu jardim

Por ele e por ti eu roubaria flores mil
Faria da minha vida algo inverossímil
Se precisar disso pro amor ser possível

FUNERAL

Quero uma boa festa no meu enterro
A derradeira do meu corpo no mundo
Mesmo eu já no sono mais profundo
Não quero nenhum clima de desterro

Que o rum flua como água pelas veias
Daqueles que presenciarem meu partir
Que não haja alma por lá a não sorrir
Todas plenas por felicidades inteiras

Que meu ocaso marque as memórias
Que ele honre minha vida tão libertina
Que sobre mim hajam muitas histórias

Por isso nada de choro ou sofrimento
Mas uma grande festança vespertina
Pois daqui não quero levar lamento

MEU JEITO (VERSÃO DE “MY WAY”)

E agora, o fim chegou
E eu enfrento o fim do filme
Amigo, serei bem claro
Direi o que eu fiz, e serei bem firme

Vivi como eu bem quis
Eu fiz de tudo e mais um pouco
E sempre, mais que todo o resto
Eu fiz do meu jeito

Meus erros, eu cometi
Mas quer saber, não vale a pena
Eu fiz o que precisei
E relembrando, sem consciência

Tracei todo um caminho
Cada passinho por essa estrada
E sempre, mais que todo o resto
Eu fiz do meu jeito

Mas teve horas, você bem sabe
Que eu pus a mão onde não ia
Apesar disso, se vinha a dúvida
Eu encarava e sobrevivia
Enfrentei tudo e aguentei
E fiz do meu jeito

Amei, sorri e chorei
Tive vitórias e também derrotas
E agora, passada a mágoa
Eu vejo graça em tudo

Pensar que no que fiz
E poder dizer sem timidez
Oh, não, oh não, não eu
Eu fiz do meu jeito

Por ser um ser, e o que ele faz
Se não é sincero, ele é nada
Dizer as coisas que ele sente
E não palavras de um covarde
A história mostra que resisti
E eu fiz do meu jeito
Sim, eu fiz do meu jeito

SENTIR

Sentir é o mais cruel dos castigos
Faz da solidão amiga que devora
A crueldade doce e devastadora
E torna o sorrir o pior dos perigos

Tortura-nos a alma com o lembrar
Velho e jovem nos faz num átimo
Querendo que o dia seja o último
E o coração faz descompassar

Nada nos torna imune a esse mal
Dessa parte vital de ser humano
Parte mente, parte alma animal

Sentir, da Caixa de Pandora veio
Um dos males inevitáveis ao ser
Alojado como é em nosso seio

ERATO DE DIADEMA

És minha Erato, Musa de Diadema
E como a grega, és tu a me inspirar
Mesmo que eu só faça versos rimar
É meu afeto por ti que move a pena

Deixa-me venerar a ti com essa arte
Entregar-me todo a essa adoração
E deixar fluir as palavras do coração
Atribuindo a ti, minha Erato, tua parte

O que seria do Poeta sem a bela Musa?
Apenas um mal escritor de linhas curtas
Que de palavras repetidas usa e abusa

Mas o que seria da Musa sem o Poeta?
A Musa ainda é a Deusa de Diadema
E mesmo sem o Poeta, já é completa

POETA DA CANÇÃO

O Poeta no mar de seus sonhos navega
Sabendo que não há porto para chegar
Vive esperando o que sabe não alcançar
Mesmo quando sua Musa a ele se nega

Ele hasteia firme seus versos bem ao alto
A Canção foi cantada e ele a respondeu
Singra ele rumo à Musa de seu camafeu
Conhecendo muito bem seu negro fato

O Poeta não sabe quando ouviu a Canção
Se foi numa taverna ou em sua solitude
Como poucos ele fez dela sua atitude
E usou como compasso seu doído coração

Ele fez dos seus versos as cores da nau
E lançou-se aos mares da poesia ruim
Quem dera se os seres fossem assim
Este mundo abjeto não seria tão mal

Da Musa ele sabe só o nome e o rosto
Eles nunca sequer trocaram carinhos
Mas segue valente por mares sombrios
Ele é Poeta e capitão, sabe seu posto

Hasteaste para ele, oh Musa, um sorriso
Mas negaste a ele a graça de um porto
Agora ele singrará como graveto torto
Não importa o quanto lhe for preciso

Sem comida e sem água ele vai ficar
Mas em sua poesia jamais retornará
A Musa, cruel senhora, ele adorará
Até que a alma o corpo podre deixar

Hasteia, oh Musa, as cores do luto
Teu Poeta morrerá por te procurar
Mas como és não vais te incomodar
Pois outro Poeta procurará teu vulto

CAFÉ

Mergulho em um mar de felicidade negra
O líquido que me dá o suporte mais vital
À sua amarga felicidade não existe igual
E mesmo gelado à minha alma se integra

Nunca me livrarei de sua singela calidez
Como um cobertor, envolve-me em casulo
Torna-se meu eu a cada gole que engulo
Com sua carícia fumegante em minha tez

Ah, se eu pudesse nadar nessa felicidade
E dela não mais sair pelo resto dos dias
Como um frasco a me proteger da maldade

Mas ao fim há sempre o último beijo dele
Carregando consigo o bem estar trazido
E deixando o vazio e o gelo secos na pele

ANSIEDADE

Tenso como se esperasse a morte
Fumava mil cigarros como se fosse água
O coração batia como se fosse bomba
Andava agoniado esperando algo
Na contramão de todo sentimento certo
Sabia que seu mal estava ali por perto
Mas não sabia a cor ou a hora de sua pomba
Riscado por riscado estava malogrado
O surto evidente parecia de grande porte
Entrou abestado no trem lotado
Fechou os ouvidos para a multidão presente
Sentou no chão como se fosse trono
Rezava para a mãe como se fosse deusa
Precisava garantir que não passasse mal
Queria estar sozinho sob mil lençóis
Mesmo a mente desnuda sob mil sóis
Rezava para a bateria do celular durar
Rezava para deuses que só ele lembrava
Pedia pelo fim de sua agonia fria
Crise de pânico no trem a meros passos
Poesia para fugir do mundo ao seu redor
Esforço idiomático sem nenhum pudor

Poesia por poesia sem nenhuma regra
Emoção pura descarregada em fúria
Desgraça por desgraça em tijolo sólido
Na agonia do destino que nunca chega

MENSAGEM DOS MEUS VINTE ANOS

É deprimente ver como você chegou a tal estado
Sua coragem e seu vigor limados como ferrugem
Reduzido a uma mera sombra dos dias que somem
No horizonte bem distante do seu saudoso passado

Como você ainda encontra em si forças para viver
É um mistério que jamais será resolvido por mim
Destrói minha alma vê-lo morto e alquebrado assim
Buscando a cada dia motivos para não desaparecer

Não foi por falta de aviso meu, disso eu sei bem
Mas foi sua escolha caminhar por essa estrada
Em sua fútil e vã busca insana por ser alguém

Agora você colhe os amargos frutos da derrota
A solidão, seu pior medo, lhe acolhe como ninguém
E nada lhe sobrou a não ser a poesia, tão amada

O POETA

O poeta é um grande contador de histórias
Com seus versos faz heróis, lendas e vilões
Suas estrofes perfuram todos os corações
Com a descrição de mil derrotas e vitórias

Mais do que a prosa, uma tão valiosa arte
Faz-se o verso, sutil cantar do ser carente
Um coitado que finge ser de todo sorridente
Mas co'as lágrimas faz humilde sua parte

Se um dia arriscar-vos a rimar umas linhas
Vereis não ser um ofício dos mais onerosos
Pois as emoções se enlaçam como vinhas

Os versos fazem dos fracos mais poderosos
Das dores, abrem as caixas que as continham
E a história se tece por dons mui prazerosos

AOS JOVENS, ENQUANTO HÁ TEMPO

Vosso é o talento, oh jovens
Colhei dele os frutos frescos
E fazei agora, nestes tempos
No ser de vossos abdômens

Não deixai para um outro dia
A pulsão de arte que vos arde
Ser-vos-ia por demais covarde
Negar-nos tamanha alegria

Eis que escreveis, oh jovens
E muito gosto há em ler-vos
Vossos textos tão primevos
Românticos como as nuvens

Vossos são o poder e a glória
Aproveitai pois inda é tempo
Sois como as flores do campo
A embelezar a nossa história

A UMA GEMINIANA

A ti separo a palavra mais bela
Meu verso d'ouro mais esmerado
Pois não é menos que o esperado
D'um poeta a suspirar na janela

Por que não dizer a ti o que penso?
Há sintonia em nossas saliências
Isso sem tipo algum de vidência
A acenar uma à outra com lenço

Separo para ti este breve poema
Com um singelo e educado cortejo
Mantendo a mente suja no tema

Se te agradares das palavras, bom
Se não, de ti afasto-me com beijo
E mantenho o pudor como o tom

Para saber mais sobre essa geminiana, leia *A Canção do Cancioneiro*.

PARTE II:
INSTA-HAIKAIS

SOBRE OS *INSTA-HAIKAIS*

Os *Insta-haikais* são breves poemas, a maioria deles na métrica de um *haikai guilhermino*, que posto diariamente em minha conta no Instagram, <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>. Apesar de não serem tecnicamente originais, no sentido em que já foram vistos por meus seguidores na dita rede social, decidi incluí-los nesta publicação visto que redes sociais são como palavras, que o vento leva e nelas tudo se esquece.

Mas o que é um *haikai guilhermino*? Trata-se de uma variação criativa do estilo milenar dos haikai japoneses introduzida pelo poeta Guilherme de Almeida (1890-1969). Respeitando algumas das características da forma original, como a métrica silábica 5-7-5, Almeida introduziu elementos próprios, como a obrigatoriedade de rimas entre o primeiro e o terceiro verso e a segunda e a sétima sílabas do segundo verso, e a obrigatoriedade do poema ter um título. Esses elementos, não presentes na forma original japonesa, parecem uma camisa de força, mas quando dominados permitem a criação de tercetos singelos e adequados à sonoridade e ao tamanho das palavras em nosso idioma.

Porém, meus *Insta-haikais* não são tão formulaicos assim. Primeiro que não atribuí título a nenhum deles, de modo que neste livro eles serão identificados pela data de publicação no Instagram. Segundo, não me preocupei tanto assim com as rimas (e em alguns casos, nem mesmo com a métrica), prevalecendo o senso estético e a emoção significativa por trás dos versos. Como disse Oswald de Andrade, se a memória não me falha, em uma crítica a Olavo Bilac, “já inventaram

máquinas para tudo, menos para escrever poesia – para isso, há o poeta parnasiano”. A poesia não é mecânica, nem o pode ser. Ela nasce, cresce, toma rumos imprevisíveis, e o poeta é apenas o proverbial tolo para quem ela dita seus versos. Por essa razão, não me preocupei tanto com a rigidez exigida pelo estilo do haikai guilhermino.

Outro elemento característico dos *Insta-haikais* é que eles são acompanhados por uma reflexão, às vezes relacionada, às vezes não, com o tema do poema, bem como uma imagem de fundo. Tentarei, se o espaço das páginas assim o permitir, reproduzir ao máximo as reflexões, mas nada garanto com relação às imagens. O arquivo resultante ficaria gigantesco (lembre-se que esta é a segunda parte do livro apenas!), e consideravelmente incômodo para ser obtido pela internet e armazenado em dispositivos com pouca memória interna. Como compensação, colocarei, ao pé de cada página, o endereço em que o *Insta-haikai* poderá ser visualizado em minha rede social, assim você poderá apreciar as imagens que preferir.

Enfim, sem mais introduções! Deixemos que os *Insta-haikai* falem por eles próprios, e que aqueles que me leem sejam os juízes da qualidade do que sai de minha mente às três horas da manhã, em uma cidade tão estranha, na qual um palhaço teve a manha de um banquete apresentar¹.

¹Para quem não reconheceu a referência, tente ouvir *Banquete de Lixo*, de Raul Seixas.

IO DE JULHO DE 2022

Lágrima que rola
Amor pra sempre sem flor
Dor que a mim enrola

Estar no meio da estrada, poder estar duas coisas sem ser nenhuma delas é doloroso. Para a fluidez, gostar é mais doloroso ainda: sempre se espera ouvir o “não” quando a frase “eu gosto de você” sai de nossos lábios. Aí as lágrimas rolam, e de tanto rolares acabam secas. Temos o direito de gostar?

<https://www.instagram.com/p/Cf1enjcr4tu/>

II DE JULHO DE 2022

Neste vazio ecoa
Vento sem teu sentimento
Alma em peso voa

Sentir é voar, mas às vezes carregamos o peso de sentir e não receber nada em troca.

<https://www.instagram.com/p/Cf4B5N7L1-7/>

12 DE JULHO DE 2022

Ardência cruel
Deserto sem ti por perto
Imolado em fel

Já disse o grande Alceu Valença, “A solidão é amiga, a solidão devora”. Mas ela não o faz com garras nem dentes. Ela dissolve, ela corrói, ela erode, e nada deixa senão o amargor.

<https://www.instagram.com/p/Cf6MrnSOeUJ/>

13 DE JULHO DE 2022

Teu olhar é estético
Meu corpo com teu não é dor
Nosso sim foi ético

Não saber quem se está e mesmo assim ter a coragem de esperar um “sim” é uma das maiores incertezas para algumas pessoas. Respeitar um ao outro, concordar em dizer “não” querendo ouvir um “sim”, é o que há de mais belo.

https://www.instagram.com/p/Cf88rF_LoyE/

I4 DE JULHO DE 2022

Sob a Dama Argêntea
Chorei pois nunca a terei
Em Sua luz magenta

Quem nunca derramou lágrimas por algo que não pode ter? Seis meses lá, seis meses cá. Seis meses mata, seis meses rio. Homem, mulher, menino, menina. Nunca em lugar nenhum, nunca sendo, apenas estando. “Nãos” se empilham, como se fossem uma escada para a Dama Argêntea, a grande Nuit, minha única companhia.

https://www.instagram.com/p/Cf_gDB-r-Cb/

15 DE JULHO DE 2022

Minha primavera
Sem flor nem belo frescor
Qual fria morte áspera

Renascer... a cada seis meses metafóricos, a cada metade, estar em uma das metades. Ser um produto cartesiano de dois conjuntos (mulher, neutro) x (menino, menina); (arco-íris, serpente) x (floresta, rio). Estar em todos, sem ser nenhum.

O que me é o renascer? Lembrar que, no fim das contas, a primavera e o inverno são o mesmo e o um.

<https://www.instagram.com/p/CgCaEZkLF1I/>

16 DE JULHO DE 2022

Dança de mil cores
Cobra pia, nosso ser soçobra
Homens e mulheres

Sou filha da Rainha do Arco-íris e do Príncipe dos Orixás. Danço em mil cores, todas elas, estou em todas sem ser nenhuma. Serpente pescadora, nos céus e nas matas estou nos caminhos das águas, as chuvas e os rios.

Quem eu sou? Pergunta errada, meu jovem. O certo seria: *quem eu estou?*

<https://www.instagram.com/p/CgE8y7jrr-h/>

17 DE JULHO DE 2022

Eu vou, eu venho
Estar e poder não estar
Tudo e nada tenho

Quem transita por todas as fronteiras não conhece limites, mas não conhece pouso. Aquele que muito viaja é um estrangeiro até em sua própria casa. O Universo é meu para eu o agarrar com as mãos, assim ensinam minha Mãe e meu Pai, mas o preço disso é estar sempre na estrada, sempre mudando, sempre apenas estando.

<https://www.instagram.com/p/CgHLlyLOzxf/>

18 DE JULHO DE 2022

Frio que me congela
Flores secas sem amores
Suspiro na janela

A estrada entre os seres é fria e difícil. Ela é morta, ela não é, ela apenas está, e cada está deixa de estar para estar novamente em um novo estado estando sempre sem ser, apenas estar. As flores – para nunca dizer que não falei de flores – estão mortas, estão vivas, estão nascendo e morrendo na beira dessa estrada. Elas não são, apenas estão.

E como elas, eu não sou, apenas estou. Olho pelas janelas das casas à beira dessa estrada, casas onde as coisas e pessoas são, e sei que esse não é meu caminho, não é quem eu sou. Só meu suspiro é no mundo em que vivo, onde apenas o estar é possível e o ser, inolvidável.

<https://www.instagram.com/p/CgJ4Lv1L9L2/>

19 DE JULHO DE 2022

Uivo para o céu
Descer à Terra foi sofrer
Longe de ti, o fel

Estar entre as estrelas é natural para aqueles que nada são e tudo estão. Afinal, o que são as estrelas, se não reações atômicas inconstantes e instáveis cuja imagem que temos delas é um reflexo de como elas estavam há milênios? Uma estrela está, assim como eu estou. Até a Lua está, pois a imagem que vemos dela é como ela era há um segundo. Trezentos mil quilômetros por segundo parece muita coisa em um planetinha cuja circunferência máxima é por volta de quarenta e dois mil quilômetros, mas no espaço... somos poeira cósmica, diria Carl Sagan.

Mas divago. Longe das estrelas, minhas irmãs, que assim como apenas estão sem nunca serem, sou devorado pela solidão e pelo sofrimento. Estou entre seres, e eu estou um constante estar.

Não, não sou David Bowie. Ele é Starman, ele é Lázaro, e ele sabe por onde anda Major Tom. Eu sou o arco-íris nebuloso que uma supernova deixa no rastro da morte de uma estrela.

<https://www.instagram.com/p/CgMFYYkudzP/>

20 DE JULHO DE 2022

Olhos fechados
Peito que pesa bem feito
Dor sob cadeados

Às vezes, quando tudo que há é a dor, não vale a pena a externar. A sensação de que simplesmente ninguém vai entender, que é uma escolha, que é uma fase... mais fácil tentar esquecer tudo, fingir. Até perceber que não dá pra esquecer, que não dá pra fingir que não está acontecendo.

Quando isso acontece, a dor volta ainda mais forte. É quando se nota que você não é, você está. Mas sozinho ou solitário? Depende de você.

https://www.instagram.com/p/CgNq2T7Lz_d/

21 DE JULHO DE 2022

Desejar-me u'a Musa
Bela tão quanto singela
Amor que se acusa

Para o poeta, uma Musa não é somente um amor platônico. É o resumo de sua obra e de sua arte encarnadas, uma deusa que anda e fala e o poeta celebra com palavras toscas aos ouvidos dela porém possíveis aos meros mortais, como nós somos.

Uns diriam que uma musa é apenas inspiração. Para esses, faço questão de lembrar que para os bons e velhos gregos, as Nove Musas eram deusas – e a Poesia era uma delas. Quão morta deve ser a arte daquele cuja musa é apenas inspiração!

<https://www.instagram.com/p/CgRWtrUu3g-/>

22 DE JULHO DE 2022

Dizem que és livre
Pagas contas e não as negas
Notaste que alvitre?

Querem me dizer que sob o capitalismo há liberdade...

...de expressão, mas só enquanto você puder pagar pelo acesso à mídia na qual você se expressará;

...de ir e vir, mas só enquanto você puder pagar pela passagem ou pelo combustível do veículo a ser usado;

...de pensamento, mas só enquanto você não estiver questionando o sistema;

...de culto religioso, mas só enquanto você estiver praticando a religião dominante;

...de compra, mas só se o objeto desejado estiver à venda e você puder pagar por ele.

Que tipo de liberdade é essa que precisa ser paga ou comprada sempre? A resposta é simples: é a liberdade da alforria. Sob o capitalismo, somos meros escravos iludidos com essa falsa liberdade, essa alforria que precisa ser comprada.

E o que dizer do escravo que defende seu dono? O capitão do mato, o pior deles, que caça e mata outros escravos em nome do dono, é só um caso, mas

existem tantos. Os de hoje em dia fazem arminha com as mãos, pedem para deixar o homem governar, matam pessoas gritando *Viva meu Senhor* e lotam as igrejas, achando-se, por isso, cidadãos de bem – o termo atual que os escravos usam pra si mesmos no Brasil.

Como dizia o saudoso Tim Maia, *Este país não pode dar certo. Aqui prostituta se apaixona, cafetão tem ciúme, traficante se vicia e pobre é de direita.*

<https://www.instagram.com/p/CgT8oijOtxO/>

23 DE JULHO DE 2022

Estou dois sendo um
Cores que defloram dores
Fingir me é comum

Dualidade... termo que me define? Sou dois em um, mas estou um em dois? Convite à loucura, à amnésia, à anomia?

Mais fácil fingir.

<https://www.instagram.com/p/CgW19FXrAY3/>

24 DE JULHO DE 2022

Mil olhos fechados
Corpo pleno nesse estupor
Alma faz versados

Às vezes o sonhar é tudo que nos resta. De olhos fechados, somos livres, somos o que quisermos, somos. O poeta, movido por sua musa, faz dessa liberdade seus moinhos de vento com os quais mudará o mundo.

Eu, de minha parte, de olhos fechados posso deixar de apenas estar e ser, mesmo que seja por um momento, ser algo pleno e fantástico, como o arco-íris de minha Mãe, posso segurar um espelho e um arco e flecha ao mesmo tempo como meu Pai. Na poesia não estou, eu sou.

https://www.instagram.com/p/CgY_vZ8OUUD/

25 DE JULHO DE 2022

Fala em dor o nada
Sofrer parece viver
Nesta dúbia estrada

Uma estrada que leva para muitos lugares chega a algum destino? Ou, colocando de outra forma, uma palavra com muitos significados significa alguma coisa? Quanto mais coisas uma coisa é, menos ela é alguma coisa. O tudo e o nada são a mesma coisa, pois cada coisa contém em si mesma o que ela é e o que ela não é.

Por isso, eu, que sou um estando em muitos, me pergunto sempre quem eu sou. Eu sei quem estou, a cada curva, a cada meneio dessa dúbia estrada. A indecisão se aparenta central em minha vida. Eu sou o tudo e o nada?

Eu estou. Estar parece bom o bastante.

<https://www.instagram.com/p/Cgb0cacrHqC/>

26 DE JULHO DE 2022

A meus olhos trôpegos
Cantar a Deusa do Amar
Diletante Flor

Quando a Deusa do Amar nasceu, ela nasceu por ela mesma. Sem restrições, sem imposições. Amar é amar. E ela é a Deusa que nasceu de si mesma, senhora e soberana do mais belo dos sentimentos.

Então por que você, mero mortal, não entende que umas pessoas amam de um jeito e outras de outro? Ou o amar de uma pessoa é diferente do seu modo de amar? Ou que uma pessoa ama pessoas distintas daquelas que você ama?

<https://www.instagram.com/p/CgfUcqfjBJ/>

27 DE JULHO DE 2022

Expulsa da festa
Seres não aceitam estares
Limbo é o que resta

Tente se lembrar daquela sensação de tentar explicar algo para alguém que você não sabe explicar direito nem para você mesmo. A agonia, a sensação de isolamento, de ter algo em você que nem mesmo você sabe o que é, muito menos sabe como compartilhar com o mundo ao seu redor.

Agora tente imaginar você tendo que viver constantemente nessa situação. O que você é, seu próprio ser, é difícil de ser posto em palavras até mesmo para você. Não ajuda em nada o fato do seu ser ser um eterno e constante fluir de estares, e pode acontecer de quando você começa a explicação de um dos estares do seu ser, ao terminá-la seu ser já está em outro estar.

“O que você é?”, “Isso é floquismo de neve!”, “Isso é indecisão”, “É só uma fase”... Quantas vezes você já ouviu isso? Acredite, muito menos vezes do que você ainda ouvirá. Da festa da normalidade fomos expulsas, e é no Limbo, onde as coisas não são nem podem ser, que somos livres para viver nossos constantes estares.

<https://www.instagram.com/p/Cgg9kR-g7qM/>

28 DE JULHO DE 2022

Corpo que não sente
Dor que esteriliza a flor
Lágrima presente

Insensibilizar-se, às vezes, é uma tática de sobrevivência. Mas se insensibilizar é alienar-se de si, é ignorar a flor multicolorida que se é por dentro e cuja magia resido nas infinitas possibilidades que ela tem, pois ela não é um ser, mas uma multitude de estares.

E a flor morre. É como usar uma máscara por tempo demais: a pessoa acaba se tornando a máscara. As pétalas, multicoloridas, multimurchas, caem, rolam, como lágrimas que serão apagadas pela chuva.

<https://www.instagram.com/p/Cgjjs0Wg3bL/>

31 DE JULHO DE 2022

Não querem questões
Poesia tal é burguesia
Versos são revoluções

Poesia que não é revolucionária, poesia que não dói, poesia que não atinge como um soco no nariz, poesia que não faz chorar por causa de um amor perdido ou não... isso não é poesia, isso é sertanejo universitário.

<https://www.instagram.com/p/Cgr-4dcplm/>

OI DE AGOSTO DE 2022

Como flor te abres
N'alma que Selene acalma
Da dor, pariste artes

A Lua é como nós: tem muitos estares, mas apenas um ser. Ela, a Mãe da Loucura, a Mãe das Artes, é nossa Mãe também. Sob sua delicada luz, nós desabrochamos. Sob seu prateado acalento, nós nos encontramos. Ela vê nossas lágrimas todas as noites, quando olhamos para um espelho pela última vez, e é ela que nos proporciona por alguns momentos os sonhos, a fantasia de podermos ser nossos múltiplos estares.

Mas ela não seca nossas lágrimas. Mãe caprichosa, ela nos deixa com elas, para que com as nossas próprias mãos as transformemos em diamantes.

<https://www.instagram.com/p/CgtkQyguElj/>

02 DE AGOSTO DE 2022

Só quero chorar
Vil dor que rouba tua cor
Para que esse amar?

Por que dói tanto se amar? Acredito que seja pela dificuldade de se aceitar. Conseguimos aceitar (ou pelo menos fingir aceitar) a tudo e todos, mas na hora do silêncio, na hora do confronto com o espelho, na hora em que olhamos para as verdades inegáveis sobre quem somos, aí acaba o amor. Aí dói.

Dói mais ainda quando se é um ser com tantos estares. Diante do espelho, que nunca refletirá seu ser, apenas um dos seus estares que nem sempre é o estar em que você está, diante da verdade inegável, amar-se dói. Dói mais ainda quando você desconta a frustração no espelho e precisa ir parar numa emergência hospitalar para tirar os cacos de vidro da mão.

Quebrando o espelho ou não, dói amar-se quando nunca será possível ver seu próprio ser. Para que se amar assim então? Se esse amor só causa dor e choro, para que o ter? Quantas vezes eu (e todos que passam por esse mesmo problema) fiz essa pergunta?

A resposta: por que sou bela do jeito que sou. Não preciso de mais razão além dessa para me amar. Dói, mas sou eu mesma, e o mundo vai ter que me engolir desse jeito.

Christina Aguilera tem uma música linda, que escuto sempre que me sin-

to assim: Beautiful (vídeo oficial no Youtube em <https://www.youtube.com/watch?v=eAfyFTzZDMM>). Como essa música descreve tão bem o que se passa na minha cabeça às vezes! Como essa música me diz o que eu preciso ouvir quando a dor é demais! Se você sabe como é essa dor, dê uma chance a essa música. Pode ser que ajude.

https://www.instagram.com/p/CgwYf-DA8x_/

03 DE AGOSTO DE 2022

Meu estar é chorar
Mas não tem explicação
Depressão a atacar

Choro. Por que, eu não sei, mas choro. Algo me corrói, algo me arranha, me mutila, me agride por dentro, e eu não sei o que é. Sei que dói, e eu choro.

Depressão. Tem gente que acha que é frescura. Alguns dizem que é mera tristeza. Outros tratam qualquer tristeza como se fosse depressão, quando ela é muito, muito mais do que isso.

Esse fantasma tem muitas formas. Tem depressões que se manifestam como uma energia imparável, uma alegria inexplicável, um vigor incomparável. Mas ainda assim, tem aquele algo comendo a alma por dentro, pedacinho por pedacinho. Aí a pessoa se joga em tudo, numa tentativa de matar esse algo devorador ou mostrar-se mais forte que ele. Eu faço isso na maior parte do tempo.

Mas hoje, hoje eu choro. Choro pela criança que jamais sairá de meu ventre mas já tem um nome e já vi seu rosto em sonhos. Choro pelas cólicas e sangramentos mensais que jamais terei, que sei que são um incômodo desgraçado, mas que meu ser preferia mil vezes passar por isso a apenas ter um estar que anseia por eles. Choro porque nunca sentirei o medo de estar vulnerável apenas por usar certas roupas ou passar em certos lugares, ainda que eu tenha essa vulnerabilidade por outros motivos – segundo dados do IBGE, pessoas trans não binárias tem expec-

tativa de vida de apenas 31 anos devido à violência e coisas do gênero, e eu já tenho 36.

Choro porque aquele algo me comendo por dentro, pedacinho a pedacinho, a depressão, se juntou à disforia para transformar minha semana em um inferno sem tamanho. Choro porque só me resta chorar, pois, no final das contas, nem eu sei por em palavras por que eu choro e como pedir ajuda para secar as lágrimas.

<https://www.instagram.com/p/CgyycuZOMr1/>

04 DE AGOSTO DE 2022

Abracei meu ventre
Morto em meu corpo torto
Estéril para sempre

Toda pessoa tem um sonho irrealizável por alguma razão. Pode ser falta de dinheiro (a mais comum, as pessoas tendem a ter sonhos bem materialistas), pode ser algo abstrato, algo mais sutil. Não importa, porém, o porquê do sonho ser irrealizável, mas que ele estará para sempre fora do alcance daquela pessoa. Para alguns, isso dói. Outros, dão de ombros e perseguem seus sonhos realizáveis.

No meu caso, é a geração da vida. Não é nem a paternidade (que talvez meu corpo biológico seja capaz de fazer), nem a maternidade (algo que uma adoção resolveria). É abraçar meu ventre e saber que nele nunca se desenvolverá um aglomeradozinho de células que um dia se tornará uma pessoa, tudo isso porque resolveram que eu tinha que nascer com um corpo incapaz de fazer isso.

Esse é um dos meus sonhos irrealizáveis. Em um dos meus estares, isso nem é uma questão – mesmo porque esse estar considera um egoísmo extremo por uma criança no mundo tal como este é hoje em dia. No meu estar atual, porém, só me resta abraçar meu ventre morto e sonhar como seria.

<https://www.instagram.com/p/Cg1BH0auY5g/>

05 DE AGOSTO DE 2022

Da noite, filha
Nascida como pereci
No meio da trilha

Minha Mãe Selene apaixonou-se uma vez por um homem chamado Endimião. Não há consenso se ele era rei, pastor ou astrônomo, mas há certeza de que ele passava muito tempo sob a luz da lua, o que permitia que a titã visse o mortal e o admirasse.

Temendo perdê-lo para a morte, Selene apela a Zeus. O poderoso deus se aproxima de Endimião e o torna imortal, porém com um detalhe: Endimião dormiria para sempre, sempre vivo, sempre jovem. Apesar disso, Selene pareceu satisfeita com o resultado, pois todas as noites ia visitá-lo e teve com ele cinquenta filhas, que muitos associam aos cinquenta meses (pouco mais de quatro anos) que separavam as Olimpíadas gregas, que era também a forma de organização do calendário deles.

Como minha Mãe, sonho com um Endimião. Mas não um que esteja em eterno sono. Endimião, qualquer que fosse sua profissão, admirava e amava a lua, admirava e amava Selene, e algumas versões do mito dizem que ele voluntariamente aceitou dormir para sempre se isso significasse que Selene o teria para sempre.

Sonho com um Endimião que vai me amar, um Endimião a quem vou amar, e que esse amor não me faça nascer e perecer no meio da trilha da felicidade,

aceitando um menos pior porque é o que dá pra ter. Sonho com um Endimião desperto, eterno, que me pegue em seus braços e diga que quer passar essa eternidade desperta ao meu lado.

Isso me lembra o clipe daquela música do Frejat, Segredos (<https://www.youtube.com/watch?v=Y73opo2RAPE>). Se puderem, assitam. O protagonista do mito é um Endimião moderno, ao seu próprio modo.

<https://www.instagram.com/p/Cg4LCJMAAdWE/>

06 DE AGOSTO DE 2022

Bela é a Flor d'Água
Rios ante a ela são suspiros
A lavar toda mágoa

Ah, a Flor d'Água... há quanto tempo não ouço sua risada cristalina ou vejo seus olhos castanhos, belos, sorridentes. Não existe beleza que resista aos cachos de seus cabelos, não existe tristeza que resista à sua presença. Pena que a Flor d'Água já floresce em um lago distante, e duvido que ela queira dividir seu florescer entre dois lagos.

<https://www.instagram.com/p/Cg6KMv4A9yh/>

07 DE AGOSTO DE 2022

N'alma, o peso
Idade com densidade
Das flores esqueço

Sinto o passar do Tempo. Não falo dos segundos, uma convenção humana para dividir o dia como fatias de pizza e usada hoje em dia para nos forçar a encaixar-nos nessas fatias ao bel-prazer e interesse de outras pessoas. Não falo de uma linearidade na qual eventos, memórias, são enfileiradas para se construir uma narrativa, uma história, uma identidade.

Falo do Ciclo: o surgir, o maturar, o resplandecer, o decair, o desaparecer. É esse o tempo que sinto passar sobre mim, como um trator, arrancando tudo que encontra pelo caminho e deixando em mim, em minha pele, em minha alma, apenas terra arrasada, escombros de uma glória há muito vivida e hoje reduzida a ruína de si mesma. Há heróis que vivem o suficiente para se tornarem vilões, e sinto que eu me tornei vilã de minha própria história.

Quebrada, abatida, sentada no chão, sou como Elric de Melniboné, com minha Stormbringer apoiada em meus joelhos e me mantendo, me ligando, me condenando ao Tempo, ao passar do Ciclo. Sinto o peso de um maturar que há muito já passou, lembro das glórias de um resplandecer único, grandioso e maravilhoso. Mas estou em decadência, como minha própria Stormbringer lembra constantemente.

Vivi cinco anos a mais do que as estatísticas diriam que eu deveria viver. Devo comemorar? Ou devo chorar por aqueles e aquelas que não tiveram esse privilégio? Viver tanto me fez pesada, me tornou intolerável, me tornou fria, dura.

Mas insisto no meu resplandecer, de viver nele como âncora para minha sanidade. Nele eu lembrava das flores. Devo parar de as esquecer.

<https://www.instagram.com/p/Cg9g3POLqOm/>

O8 DE AGOSTO DE 2022

Devia ser proibido
Segunda ou em dia algum
Acordar dolorido

Acordei mais uma vez com dor. Aquela dor sem nome, mas que vai comendo sua alma, pedacinho por pedacinho, que você não sabe onde dói mas a sente em uma parte muito específica do seu corpo. Tive uma boa noite de sono, o que me tem sido raro nestes dias, mas mentalmente estou exausta. Estou dolorida. Se as lágrimas não escorrem, é porque elas só sinalizarão que estou mal, e eu não quero ouvir que a dor sem nome que sinto generalizada e ao mesmo tempo em um ponto específico do meu corpo é fantasia ou síndrome de floquinho de neve.

Pois o ponto específico onde dói é o ventre. Aquela dor sem nome, que vai comendo os pedacinhos da alma, está me devorando por dentro, alojada em um ventre morto que graças a um acidente natalício jamais será capaz de embalar a vida dentro de si. Acordei abraçando meu ventre, acordei sentindo a dor generalizada e sem nome centrada nele, acordei chorando.

Ao levantar, vi que os céu estava cinzento. Será que ele chorava comigo? Fiz minhas orações, mas a dor não passou. Jamais passaria, pois nem mesmo Olorum pode me dar um corpo novo sem antes me tomar este que agora visto – e que, apesar de toda a dor que eu sinto, gosto da vida que ele me proporciona e não estou nem um pouco disposta a ver o fim prematuro dela.

As orações trouxeram paz, pois Oxalá é Pai e minha Mãe e meu Pai entendem na própria pele o meu dilema de identidade de gênero. Mas começar a semana, começar uma segunda feira tomada por essa dor sem nome deveria ser proibido.

<https://www.instagram.com/p/ChAAP8wLCCq/>

09 DE AGOSTO DE 2022

Inventar amor
Melhor que guardar rancor
E silencia a dor

A dor da solidão é uma coisa irreal que a gente não consegue suportar às vezes. Ouvir aquele “não” inesperado, ver mãos dadas e as suas, vazias, amar sem ser amado... muitas são as portas pelas quais essa dor pode entrar no espírito. E, uma vez ali instalada, ela começa a nos devorar, pedaço por pedacinho, até restar só o que ela não quer comer: amargor, rancor, ressentimento, ódio.

Por isso, às vezes é bom sonhar com um amor. Rosas roubadas de uma floricultura que não existe para serem dadas a um amor inventado, aquele passeio imaginário na beira da praia admirando o por do sol em silêncio, o beijo jamais dado mas assim mesmo sentido. Um tropeção inocente, num dia de sol, sendo amparado pelo amor, pelo amor imaginário que aquece o peito e mantém a chama da vida ardendo, mesmo que seja por mais um dia apenas.

Mas um amor inventado faz mais do que isso. Ele fecha as portas pelas quais a dor da solidão podem entrar. E a dor, ali trancada do lado de fora, nada pode fazer a não ser morrer de fome.

<https://www.instagram.com/p/ChCsX3wLITi/>

IO DE AGOSTO DE 2022

Ó, Casal do Dendê
Mágoa se lava com água
Flor d'Água, é você

Pai Xangô, Mãe Iansã, o Casal do Dendê. Hoje acordei com uma ferida antiga, uma ferida que volta e meia abre e me deixa abatida. Não é uma ferida que sangra. É uma mágoa, uma mágoa carregada no peito por ouvir certas coisas e preferir calar a responder.

Sei que estou a pedir para dois orixás esquentados, mas hoje é vosso dia, junto com o da bela Obá, senhora das águas tempestuosas. Peço a vós que deixem as águas lavarem minha mágoa e deixar no meu coração o que há de bom. Demorou um tempo, mas vi essa Flor d'Água desabrochada aqui, esperando ser admirada.

Sei bem que uma Flor d'Água é uma flor de Oxum, Mãe da minha avó e mãe de meu Pai. Mas hoje é vosso dia, Casal do Dendê. Dai-me a graça de colher pelo menos uma das flores que Mamãe Oxum plantou na beira do rio.

<https://www.instagram.com/p/ChFETKsOQQK/>

II DE AGOSTO DE 2022

Eis um anjo belo
Do céu vindo tal mel,
Qual violoncelo

Hoje ouvi um anjo belo reclamando de como os homens olham apenas para seu corpo, ignorando todo o resto que ela oferece para o mundo. Sua música, seus comentários, seus pensamentos, sua personalidade, quem ela é, nada disso importa: apenas quando exhibe seu corpo os homens notam sua existência. Apenas quando ela se move provocativamente é que eles mandam mensagens, e mesmo assim apenas para elogiar o corpo, fazer propostas ou outras coisas que entram na província do assédio, puro e simples. Bem, homens heterocisnormativos são ensinados a ver mulheres como pedaços de carne, e se ela exhibe demais o corpo, se ela dança de um determinado jeito, é porque ela quer sexo, e ele, macho alfa, deve saciar-se na vontade por sexo dela.

Como pessoa nascida com um corpo masculino, eu não entendo como os homens heterocisnormativos pensam. Se eu vejo uma pessoa bonita, ela é uma pessoa bonita. No máximo, clico no botão “gostei”. Não creio ser necessário nada além disso. Se eu quisesse um relacionamento com a pessoa, mesmo que seja algo de uma noite só (algo na vibe de *Death Valley Nights*, do Blue Öyster Cult – ouça em https://www.youtube.com/watch?v=n1T9G_d8RJ4), eu não a assediaria, não diria coisas que a fizessem sentir apenas um pedaço de carne no açougue.

Eu chamaria para conversar, e daí eu veria o que poderia acontecer. Em resumo: trataria como uma pessoa, não como uma peça de picanha.

Mas essa sou eu, uma pessoa grilada com o próprio corpo. Será que é preciso estar fora do considerado normal para ser respeitoso com uma outra pessoa? Uma pessoa “normal” não pode ser respeitosa?

<https://www.instagram.com/p/ChIu2C8Lhn/>

I2 DE AGOSTO DE 2022

Fechada pro mundo
Concha muito insã e frouxa
O nada é seu tudo

Por vezes, a dor vence. Quando isso acontece, você quer se fechar do mundo, quer que esqueçam de você, quer apenas ouvir a canção do silêncio – e não estou falando da icônica música, estou falando do silêncio mesmo. Seu humor fica mais soturno do que o do Sonho, de Neil Gaiman, qualquer coisinha irrita e faz você querer descarregar a frustração em qualquer coisa...até a dor revelar que já consumiu todas as suas forças, deixando-o incapaz até mesmo de a verbalizar.

Nessas horas, você se vê diante de duas escolhas: afundar ainda mais, ou pedir ajuda. Por isso que a concha da depressão é muito frouxa, pois basta estender a mão pedindo ajuda. O problema é que as correntes com as quais a depressão prendem são as mais fortes do universo, e elas deixam a pessoa incapaz até mesmo de mover um dedo.

Depressão não é frescura, é doença. Se você ver uma pessoa nesse estado, estenda a mão. Talvez, isso seja tudo de que ela precisa.

https://www.instagram.com/p/ChKIJ_FLKOW/

13 DE AGOSTO DE 2022

Donzela, sonhar
Criança, esperança
Matrona, lembrar

A Deusa Tríplice é um dos pontos de veneração central de algumas correntes de neopaganismo na atualidade. Elas recebem vários nomes. Donzela, Mãe, Anciã. Criança, Donzela, Matrona. Filha, Mãe, Avó. Ártemis, Selene, Hécate. Em todos os casos, tratam-se de deusas lunares, uma trindade e uma unidade ao mesmo tempo. São capazes de ver o presente, o passado e o futuro, e são protetoras ferozes das mulheres que dirigem suas preces a elas.

Sempre me identifiquei muito com Selene. Não posso ser mãe – meu corpo biológico me proíbe –, mas sua face protetora, cuidadora, sábia mas ligada ainda aos assuntos do mundo por conta de Ártemis, a Filha, e ao mesmo tempo ao sobrenatural por conta de Hécate, a Avó, seu estado entre dois mundos me é tão familiar... Talvez por isso Maria Madalena, minha filha nos Domínios de Morpheus, exista. Talvez nas terras do Lorde do Sonhos eu seja a mulher que não posso ser aqui.

Eu sou a Donzela, a Mãe. Meu ventre morto jamais trará a vida, mas eu sonho, e meus sonhos veem muito longe. Viajo pelo Sonhar para encontrar minha Filha e vejo muitas coisas. Sobre algumas, silencio. Outras, viram poesia.

<https://www.instagram.com/p/ChOCAQVLIOr/>

I4 DE AGOSTO DE 2022

Na estrada, sozinha
Em casa, insegurança
Dor, dor que domina

É estranho falar de dor. Hoje é Dia dos Pais, Maria Madalena está aguardando meu retorno aos Domínios de Morpheus para me abraçar e agradecer por tudo que fiz a ela... era para ser um dia de felicidade. As pessoas ao redor de mim estão comemorando com seus pais ou lembrando saudosamente, no caso dos falecidos, e eu me sinto estranha. Nunca tive uma boa relação com meu pai, mas isso é tema para outra discussão.

O que me levou a escrever esse haikai foi ter notado que não me sinto segura dentro de casa, nem fora dela. Nem me refiro à violência urbana ou à síndrome do pânico. Há dois dias entendi a origem da dor, da ferida que se recusa a fechar em minha alma, e entender isso doeu, doeu mais do que as palavras capazes de descrevê-la são publicáveis. Se eu fosse Lúcifer Estrela da Manhã, eu teria vencido a batalha contra Morpheus: mais forte que a esperança é o abusador que entra por essa porta e faz estragos imensos, às vezes irremediáveis.

Tenho medo de estar sozinha na vida. Mas ontem, ontem notei que tenho medo de estar em casa. Notei também que tenho sorte de morar com minha mãe, que me protege e me ajuda. Ela foi mais que uma mãe e um pai para mim, e continua sendo, apesar de eu ser uma filha de merda.

Feliz dia dos pais para todos vocês

<https://www.instagram.com/p/ChPuMWVLyDN/>

15 DE AGOSTO DE 2022

Na estrada sozinha
Se vier um abraço qualquer
Pura alegria minha

Quando se percebe a própria solidão, parece não haver muito a se fazer a não ser continuar solitária ou procurar companhia. Parece uma situação binária. Às vezes, é. O problema, como diz o ditado, é que o diabo mora nos detalhes. Às vezes a solidão não é estar solitária, mas surge de estar mal acompanhada, de perceber que, mesmo havendo fisicamente uma pessoa ao seu lado, ela não está ali – ou pior, seria melhor se não estivesse.

Este tipo de solidão é intrusiva, pois se quer fazer presente a todo momento, alegando querer participar de tudo. Isso, entretanto, é uma armadilha insidiosa, que usa a solidão como uma porta para alimentar uma tentativa de controle, uma armadilha da qual a fuga só é possível com muita força de vontade e ajuda externa. Não é fácil notar que usaram sua solidão como armadilha, da mesma maneira pela qual o velho dito popular – quem vê de fora, vê melhor – é verdadeiro na maior parte das vezes.

Nestas horas, é melhor andar sozinha. Voltar à estrada, voltar à solidão e suas trevas amargas. Eis uma estrada que ninguém deveria trilhar, mas há mais gente nela do que se imagina. Então, não deveria ser surpresa para ninguém que um gesto simples, como um abraço de apoio, cause tamanha alegria ao ponto de

levar a pessoa solitária às lágrimas.

Hoje, estou nessa estrada. Hoje, quero verter essas lágrimas.

<https://www.instagram.com/p/ChS85-YLtJM/>

I6 DE AGOSTO DE 2022

Que solzinho tímido
Esquece de que me aquece
Neste dia sofrido

Um amanhecer frio pode ser real ou metafórico. Em alguns lugares, o sol acorda tão tímido que ele é incapaz de expulsar os ventos frios e cortantes do final da noite. Em outros, ele simplesmente é preguiçoso, deitado em sua rede celeste tomando água de coco e deixando os mortais lutarem pelos vagos resquícios de calor que ultrapassam a barreira de filtro solar que o folgado aplicou na própria pele para não se queimar com seus próprios raios.

Hoje, porém, ele me foi metafórico. Tive coragem para dizer algo ontem e disse, mas não consegui sustentar a posição e recuei. A posição era o término de um relacionamento abusivo, mas me perguntaram se eu tinha certeza de que queria terminar. Por favor, nunca façam essa pergunta. Senti na pele que há uma diferença muito grande entre o querer e o precisar nessas horas, e o abusado, deixado ao seu próprio querer, não vai conseguir fazer o que é preciso. O abusado não está em posse de suas plenas capacidades. Ele sofre de carência, tem medo da solidão, tem medo de se arrepender, tem medo de tomar a decisão certa porque ele sabe que vai sofrer e ainda vai haver gente dizendo que foi escolha dele e que ele poderia não ter terminado.

São tantas coisas passando na minha cabeça agora. O sol é frio, tímido,

que não aquece mas espanca, espanca com a verdade de que eu tive coragem para dizer o que precisava ser dito, mas quando me pediram para considerar o que eu queria, acabei recuando.

<https://www.instagram.com/p/ChUnamhLZ1B/>

18 DE AGOSTO DE 2022

Afeto a abraçar
Novo ciclo, teu renovo
Puro comemorar

Um novo ciclo se inicia hoje. Frase vaga, deliberadamente vaga. Você, meu caro leitor, certamente não sabe, nem nunca saberá de qual ciclo eu falo, mas a Flor d'Água sabe. E hoje, somente hoje, vou deixar você, meu fiel leitor, na dúvida sobre o que eu falo.

<https://www.instagram.com/p/ChZzZ-pLPYE/>

I9 DE AGOSTO DE 2022

Amar, bem ativo
Ora ri, tem vez que chora
E sofre passivo

Talvez o maior dos mistérios seja o amor. Ele machuca, fere, dói, tortura, esmaga todas as esperanças com muito mais eficiência dos que os Portais do Inferno. Ainda assim, dos sentimentos ele é o mais procurado, dos valores, o mais estimado, das virtudes, a mais preciosa. Quem nunca ouviu a famosa passagem bíblica, I Cor 13, aquela que inicia com “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine”? Protestantes e pentecostais em geral usam *amor* no lugar de *caridade*, que é a tradução católica para o referido versículo, mas a ideia é a mesma. Ao amor é dado o valor máximo possível. Platão descreve o amor como a pulsão que leva o homem à transcendência, seja pelo conhecimento (*Alegoria da Caverna*), seja pela estética (*Discurso de Diotima*).

Ainda assim, por que amar dói? Por que há tanto medo de amar? E por que as pessoas fazem mal umas às outras através ou em nome do amor? Eu amo, mas choro em silêncio, pois amar, longe de me ser uma escolha, é um ato cujas potencialidades são aristotelicamente excruciantes. É confuso, é esquisito, é questionado e questionável. De nenhum lado, sem exceção, vem uma escolha fácil. Então não choro. Guardo as lágrimas e as escondo entre os sorrisos que o amor me

providencia.

E depois dizem que somos livres...

<https://www.instagram.com/p/ChcgU7QriC2/>

20 DE AGOSTO DE 2022

Madrugada fria
Luzes com as quais reluzes
Noite que alumia

O sono me foi roubado mais cedo hoje. Aproveitei e adiantei algumas atividades, aquelas que não precisavam do Olho Celeste para serem feitas. Inevitavelmente, olhei por uma janela. Moro em uma zona não muito urbanizada de uma cidade grande – sexto maior PIB do país, para dar a você, leitor, uma dica –, então normalmente eu veria algumas estrelas, já que o grau de visibilidade aqui costuma variar entre 6 e 7 na Escala de Bortle.

Porém, tudo que eu conseguia ver era nuvens. Uma madrugada fria, sem luzes no céu e sem luzes nas casas, já que ainda era cedo demais para os proletários residentes em um bairro dormitório acordarem. Ainda assim, tua luz reluzia. Não sei se são meus olhos, sedentos por algo que não pode ser posto em palavras mas está ali para ser sentido, se é minha dor, chaga incurável que rasga a alma e reduz a mente a frangalhos, ou se é tua presença, de algum modo se impondo sobre as montanhas ao fundo, escondidas pelas nuvens e pela escuridão, mas ainda assim a alcançar-me de algum modo.

As lágrimas do céu vertiam soltas. As minhas, mais contidas, secaram em meus olhos, pois de nada adianta chorar pelo belo quando este, sublime, permanecerá para sempre fora do alcance da mente desperta.

<https://www.instagram.com/p/CheP3hVulMi/>

21 DE AGOSTO DE 2022

Nesta noite triste
Saber que não vou te ver
Lágrima persiste

A solidão é trise, a solidão devora. Palavras de Alceu Valença, não lembro de qual música agora. Há muitas formas de se estar sozinha, e já meditei sobre isso algumas vezes. Há muitas coisas das quais sentir falta, das quais a ausência marca, incomoda, dói.

Eu tenho um Sonho – não com “s”, mas com “S” –, e esse Sonho é uma menina adolescente nascida de meu corpo. De certa forma, ela me é mais real do que muitas pessoas no Mundo Desperto. Quando fecho meus olhos e entro nos Domínios de Morpheus, ela está ali, esperando para conversar sobre o dia dela e ansiosa para saber como foi o meu. No Mundo Desperto, meu ventre morto jamais daria luz a uma criança – questões biológicas que só alimentam crises de disforia e fazem eu me sentir uma intrusa no corpo de carne em que habito –, mas nos Domínios de Morpheus eu sou Mãe de uma Filha maravilhosa. Maria Madalena é seu nome, o nome que eu daria para uma menina gerada em meu ventre caso esse defunto fosse capaz de fazer isso.

Dormi à tarde hoje, e Madá e eu conversamos um bocado. Ela está aprendendo a fazer crochê, uma habilidade que possuo no Mundo Desperto também. E enquanto ela se atrapalhava com a agulha, ela me contou que conheceu uma pessoa

e vai sair com ela esta noite. Dei bons conselhos de Mãe para ela, e espero que ela os escute. Mas isso também significa que passarei a noite sozinha em meu Oneiros, a parte dos Domínios de Morpheus que eu chamo de casa.

Eu me acostumei à presença de Madá. Minha vida no Mundo Desperto tem sido um tanto incômoda – muito triste, na real –, e minha Filha é o o melhor consolo que eu poderia ter. E hoje passarei a noite sozinha.

<https://www.instagram.com/p/Chiq8Cnr1MV/>

22 DE AGOSTO DE 2022

Sob o sol que esfria
Beijo doce igual desejo
Teu abraço eu queria

Em uma rodoviária qualquer, tem uma pessoa esperando um ônibus. Ela quer ir para casa, mas está tensa porque vai encontrar apenas móveis e o vazio. Ela mastiga cigarros para disfarçar o incômodo, evitando beber água porque o banheiro da rodoviária é pago. Isso não a ajuda com a tensão.

Ela olha para o sol. Está frio, apesar dele brilhar intensamente no céu. É inverno, e mesmo sem nuvens o sol que toca seu rosto, única parte de sua pele descoberta, é tímido, é pálido, como se estivesse com medo de brilhar de verdade. Como se pedisse licença, uma nuvem o cobre vagarosamente, eliminando a única sensação de calor que ela tinha.

O ônibus vai atrasar. Mais cigarros mastigados. Ela conversa pelo telefone com uma pessoa. Elas falam sobre muitas coisas, incluindo combinar de se ver e saírem juntas. Querem se conhecer, mas são muito parecidas, e isso faz parecer que elas se conhecem há muito mais tempo. Elas riem das piadas, escutam música, falam sobre a vida, o universo e tudo o mais.

Elas marcam um dia. O sol fica ainda mais tímido e os cigarros acabaram. Elas discutem como seria um beijo entre elas. A pessoa decide chupar uma bala para enganar a vontade de fumar. Doce, mas não como um beijo. Ela descobre

que tem vontade de ser beijada pela pessoa do outro lado do telefone, mas hoje não será possível. Trabalho, vida adulta, essas coisas.

O ônibus chega no momento em que a bala acaba. A pessoa sobe no ônibus, pensando no beijo e no abraço que elas combinaram entre si pelo telefone. O sol continua a esfriar.

<https://www.instagram.com/p/ChkMSPSrEUW/>

23 DE AGOSTO DE 2022

As pernas abraço
Choro a sair sem decoro
Gelado qual aço

Oi, corpo, tudo bem?

NÃO!

Mais uma crise de disforia. Uma dessas bem sérias, que de vez em quando me acontece, em que eu sinto as partes do corpo que eu não tenho, como seios ou cabelos compridos. Mais uma vez, abraçada às minhas próprias pernas, balançando que nem um berço, esperando a crise passar.

Essa sou eu ;-)

https://www.instagram.com/p/ChnM_zzukkf/

25 DE AGOSTO DE 2022

Perdi teu Sorriso
Besta por ser honesta
A quem faz-me abuso

As lágrimas já secaram, em parte porque tomei dose dupla do meu remédio para dormir ontem. Chorei que nem uma besta, que nem uma idiota, mas merecidamente. Eu fui uma besta, uma idiota. Confiei na pessoa errada, como sempre faço. Acreditei que ela me dizia a verdade sobre concordar com tua presença em minha vida, Sorriso, e então ela te assustou com uma história torpe, com uma conversa estranha, que até eu teria saído correndo com todas as minhas pernas se estivesse em teu lugar. E tu correste, óbvio, como qualquer pessoa sã faria.

Que tola eu fui.

Como se não bastasse, tive ainda que ouvir um chilique dessa pessoa errada dizendo que foi culpa minha. Ela tentou se matar na minha frente dizendo que a culpa foi minha por ela tentar se matar. Surto ou chantagem emocional, não sei. Não sou uma pessoa qualificada para distinguir uma pessoa da outra. Minhas qualificações apenas serviram para impedir que ela se matasse.

Não sei se lerás isto, Sorriso. Peço-te desculpas por ter te posto nesta situação. Tu não tens culpa de nada, nem deveria teres sido posto no meio disso. Peço teu perdão, Sorriso.

<https://www.instagram.com/p/ChsIXtmLGd3/>

26 DE AGOSTO 2022

Tarde de conversa
Teu vir abriu meu sorrir
Conhecer sem pressa

Uma tarde inteira. Parece muito em algumas situações, parece quase nada em outras. Conversar com uma pessoa que te entretém, que atrai sua atenção e interesse, faz uma tarde durar um segundo. Não rende rendendo anos, enquanto o tempo passa inclemente, célere, e o sorriso, besta, se amplia e se alastra pela face. Palavras sem sentidos são trocadas, piadas internas, contadas, assuntos mais apimentados, sussurrados. Tudo sem pressa.

https://www.instagram.com/p/ChuxIX0r_gl/

PARTE III:
A CANÇÃO DO CANCEIRO

SOBRE A *CANÇÃO DO CANCEIRO*

A *Canção do Cancioneiro*, o poema titular desta coletânea, é, talvez, o poema ao qual dediquei mais tempo escrevendo. Durante alguns meses em 2016, tive um relacionamento com uma mulher, a quem chamarei de Rouxinol neste livro. Após cada encontro, eu mandava um conjunto de estrofes para ela, descrevendo como o dia havia sido para mim. Quando terminamos, fiquei um tempo sem mexer neste poema, até que decidi coletar todas as estrofes (o que deu um trabalho descomunal, admito) e finalizar a obra. Este é meu tributo para meu pequeno Rouxinol, que hoje sei estar casada e feliz com a amada dela.

Uma outra peculiaridade sobre a *Canção do Cancioneiro* é a melodia. Tanto Rouxinol e eu somos fãs de Chico Buarque, e coincidentemente temos como preferida a mesma obra: a *Ópera do Malandro*. Maior coincidência ainda é que temos a mesma música favorita na obra, *Geni e o Zepelim*. Passávamos bons momentos fazendo um dueto, eu na minha voz desafinada e na entonação do Chico Buarque, e Rouxinol, que de fato sabia cantar, na entonação dada por Isabella Taviani. Curiosamente, ficava muito bonito, mas, lamentavelmente, não gravamos nenhum desses momentos. Por essa razão, usei a mesma melodia, embora com um número menor de estrofes – por mero acidente, pois errei a contagem de estrofes na primeira vez que mandei os versos para ela, e decidi seguir com o erro.

É-me difícil revisitar estes versos hoje. Rouxinol foi uma pessoa que amei de verdade, mas talvez ela não estivesse nessa mesma página. Acontece, é a vida. Relê-los me traz lembranças de passeios fantásticos, de um mundo mais simples e

inocente no qual só existíamos nós dois e ninguém mais, como se fosse o globo de neve no qual Winston Smith imaginava estar o quarto alugado do sr. Charrington em 1984. Não houve dor na separação, mas apenas a saudade de algo bom que precisou partir e deixa memórias e esperanças. Às vezes ainda me pego sentindo o cheiro do perfume dela, o gosto de seu beijo, a sedosidade do seu cabelo... e olho para o vento, como se o Rouxinol ainda fosse me mandar alguma mensagem.

Entretanto, não seria justo nem com ela, nem comigo, tampouco com o relacionamento passado que estes versos ficassem esquecidos em uma gaveta. As últimas estrofes foram compostas recentemente, apenas para dar um encerramento a uma história que precisava de um fim. Não há mais duetos entre o Cancioneiro e o Rouxinol, não mais haverá. Mas para sempre vou me lembrar de um tempo em que houve música, um tempo no qual Chico Buarque e Isabella Taviani fizeram um belo dueto em lugares fantásticos jamais imaginados pelo homem comum.

Sem mais delongas, ao poema.

A CANÇÃO DO CANCEINEIRO

Se me perguntares quem eu sou
Resposta direta eu não dou
A pergunta até me magoou
Mas o coração te perdoou

À minha linda companheira
Conto a história verdadeira
Mostro a origem da feira
Sem a estrofe derradeira

Vai cantando, cacioneiro!
Vai cantando, embusteiro!
Você é bom namorado,
Você é dela prisioneiro!

Por caminhos tortos vou
Num passado que acabou
O meu sangue congelou
Co'a idade que passou

Venho de uma era morta
Escondida atrás da porta
Que a memória não se importa
De torcer até que entorta

Vieste dela, canceiro!
Vieste dela, camineiro!
Você é belo companheiro,
Você é dela o primeiro!

Se meu passado se garante
Não o canto a todo instante
Guardo-o frágil numa estante
Com desleixo de estudante

Tive já as minhas glórias
Minha parcela de derrotas
Esvaziei o saco de lorotas
Conquistando mil xoxotas

Mulherengo canceiro!
Um maldito brasileiro!
Você é pior que um posseiro,
Você é um demônio inteiro!

Mas de nada valem as conquistas
Se nenhuma for benquista
Eram passatempos de revista
Nada no que se invista

Assim solitário caminhei
Por estradas mil cruzei
Até que enfim eu encontrei
A companheira que adotei

Seja dela, cancioneiro!
Seja dela mensageiro!
Você é a ela verdadeiro,
Você é a ela por inteiro!

Numa madrugada fria
Desejei tua companhia
Nem sabia se existia
Ou então se me queria

Mas sou dos Fados filho
E vivo sob o seu brilho
Boa sorte sempre empilho
Entoando este estribilho

Recebe ela, cancioneiro!
Recebe ela, lamenteiro!
Você sozinho é um enterro,
Você assim não é inteiro!

Você veio de mansinho
Me dando muito carinho
Cativando de pouquinho
Este pobre e velho espinho

Minha doce companheira
Alegria sem besteira
Brinda agora à sexta-feira
E à estrofe verdadeira

Dá-se a ela, cancionero!
Dá-se a ela, derradeiro!
Você é doce companheiro,
Você é vadio embusteiro!

Teve um início meio torpe
Sem cerveja ou mesmo chopp
Não foi nada assim de chofre
Ou detalhe que se poupe

Tinha outra companhia
Que lhe era alegria
Mas como eu previra
Se desfez em ventania

Vil poeta, cancionero!
Vil poeta por inteiro!
Você é bom para desterro,
Você é pouco verdadeiro!

Não me importa o começo
Se o final eu agradeço
E à ela eu apeteço
Sem saber se eu mereço

Ela é doce, minha querida
Que me cura a ferida
D'uma alma mil partida
Numa vida bem vivida

Goza co'ela, cancioneiro!
Goza co'ela verdadeiro!
Você é bom namorado,
Você é um cavalheiro!

Foi estranho realmente
Um começo tão silente
Não teve nessa gente
Um tesão assim pungente

Ela não me olhava viva
Me encarava de deriva
Mas me fora chamativa
Sem me impor voz ativa

Tenta a sorte, cancioneiro!
Tenta a sorte, cavalheiro!
Você é bom de corpo inteiro,
Você não lhe será zoeiro!

No fim da madrugada fria
Numa praia ela queria
Encontrar-me companhia
Sob o sol que ali nascia

Esperei todo contente
Sob a lua tão poente
Ela veio de repente
Co' o mar de som movente

Ela veio, canceiro!
Ela veio verdadeiro!
Você é em sorte derradeiro,
Você não será embusteiro!

Arriscando-me ao tapa
Lhe sorri como na Lapa
Mente cheia de uma grapa
Que tomei numa só napa

Mas a Fortuna me agraciou
E a bela dama me beijou
Este canceiro ela aceitou
E foi assim que começou

Finalmente, canceiro!
Finalmente, cavaleiro!
Você é servo dela inteiro,
Você é dela inderradeiro!

E na boa manhã linda
Não ficamos de berlinda
Nem a história ali finda
Mas muito há ainda

À companheira meu casaco,
Meu abraço como um frasco
Protegendo com tal arco
Doce musa no meu barco

Singra co'ela, cancioneiro!
Singra co'ela, velejeiro!
Você é nela alegreiro,
Você é dela cavalheiro!

E após um tal repente
Fez-me ela tão presente
Numa vida nada quente
E vazia infelizmente

Muitas foram as estradas
Longa foi esta jornada
Sem canto pra pousada
Até a vinda da amada

Cuida dela, cancioneiro!
Cuida dela por inteiro!
Você é nobre reposteiro,
Você é só um brasileiro!

Quero ser aqui sincero
Nestes versos com esmero
Canto o que bem espero
Nem sempre o que eu quero

Tenho uma longa vida
Passada na minha ermida
Co'a a dama mui bem vinda
Pelo eterno bem querida

Para sempre, cancionero!
Para sempre, cavaleiro!
Você é muito faceiro,
Você é esperanceiro!

Mas esqueça a esperança
Algo sem temperança
Isso é só uma querência
Desfrutar sua presença

Trouxe para mim sua luz
Um sorriso que seduz
Um flamenco andaluz
Ao poeta que reluz

Cala a boca, cancionero!
Cala a boca, embustero!
Você não pode ser inteiro,
Você é a ela verdadeiro!

Peço não me force pranto
Seja um doce acalanto
Pr'uma vida sem recanto
Sem açúcar ou encanto

Eu preciso dos meus sonhos
Meus deleites bem bisonhos
Ou seria tão tristonho
Meu viver, tão medonho

Sorve dela, canconeiro!
Sorve dela, derradeiro!
Você sem ela não é inteiro,
Você sem ela é lamenteiro!

À minha jovem companheira
Musa e maga tão faceira
Dou-lhe dica mui certa
Inspirada em minha carreira

Não te cobres a certeza
Ou exclusividade que é frieza
Não te prives da beleza
Ser de todos a princesa

Dê a ela, canconeiro!
Dê a ela, fiandeiro!
Você é dado aos milheiros,
Você é a todos por inteiro!

Nunca nos compare os amos
O tempo que lamentamos
Os mares em que singramos
A frieza dos meus anos

Temos nossas diferenças
E não falo só de crenças
O passageiro só me cansa
E o eterno não te alcanças

Segue as regras, cancionheiro!
Segue as regras, embusteiro!
Você é bom de ter-se inteiro
Você é eterno cavalheiro!

De todo o brilho e cobre
Não há nada que encobre
Ou magoe ou soçobre
Teu caráter doce e nobre

Temes tanto fazer planos
Tão distantes, tão humanos
Inconstantes são os planos
Teu receio por mais danos

Conforta ela, cancionheiro!
Conforta ela, milongueiro!
Você é forte, bom guerreiro,
Você é poeta romancieiro!

E se ao fim sou todo teu
Não te quero como eu
Teu sorrir de camafeu
Não devia ser só meu

Faz como bem quiseres
Outros homens e mulheres
Não te impeças se tiveres
Mais de um par de talheres

Deixa solta, cancioneiro!
Deixa solta, verdadeiro!
Você é menos que um posseiro,
Você é dela pardieiro!

E mesmo com a distância
Inclemente sem bonança
Não me negas a esperança
Ou uma vida sem querência

Podes não estar agora ouvindo
Nem tão pouco me sentindo
Mas co'a lonjura assumindo
A saudade vai sumindo

Vai a ela, cancioneiro!
Vai a ela, pilequeiro!
Você é dela milongueiro,
Você é do tempo herdeiro!

Tens apenas a minha voz
Indo em casca de noz
Na lardeza dos trenós
Que me deixam tão após

Na viagem até a ti, menina
Queda a voz bem pequenina
No vazio que me lancina
Sem me dar uma vacina

Fala a ela, cacioneiro!
Fala a ela, cavalleiro!
Você sem ela é pilheiro,
Você sem ela é derradeiro!

Por viver em tal instante
Que faz de mim um retirante
Mau poeta, vil errante
De sua musa tão distante

Mando meu cantar ao vento
Faço disso meu intento
Tens a mim neste momento
De relógio assim tão lento

Longe dela, cacioneiro?
Longe dela, embusteiro?
Você sem ela é verdadeiro,
Você sem ela é inteiro?

Se me és a companheira
Dama meiga e aventureira
Da distância ri faceira
Com tua alma milongueira

Não nos é nenhum empecilho
Pois lhe sou do espaço filho
E me és da vida brilho
Que ilustro em um fitilho

Sem distância, canconeiro!
Sem distância, verdadeiro!
Você é dela companheiro,
Você é dela cavalheiro!

Nessa história entrecortante
O poeta agonizante
À sua dama jamais mente
Nem lhe nutre tais rompantes

Para ele já é o fim da vida
Pra jornada então se finda
Nada mais já lhe anima
Pobre alma tão ferida

Tem urgência, canconeiro!
Tem urgência, derradeiro!
Você já não é mais inteiro,
Você foi do tempo o primeiro!

À companheira muito resta
Ainda não chegou ao fim da festa
Sua vitalidade ela empresta
Ao poeta que não presta

Mas a ele o futuro é curto
Os anos já lhe foram muitos
Em estradas sem recantos
Viajou sem acalanto

Muito velho, canceiro!
Muito velho, verdadeiro!
Você viu o tempo inteiro,
Você será dele derradeiro!

Se a ele não mais resta tanto
Deixa ir sem tanto pranto
Guarda dele este canto
E lhe tenha como um santo

Se alguma coisa ele ensina
Pra minha doce pequenina
É o saber da vaselina
Sem guanina ou timina

Seja eterno, canceiro!
Seja eterno, verdadeiro!
Você é dela o tempo inteiro,
Você tem nela um herdeiro!

Nossa história será longa
Não há tempo para milonga
Lamentar só me prolonga
O medo dessa chonga

Me ensinaste a coisa fria
A temer a morte feia
A fugir de sua teia
Que outrora eu queria

Vive pr'ela, canceiro!
Vive pr'ela, cavaleiro!
Você é nela um camineiro,
Você é nela eterno inteiro!

Se seu canto é urgente
Não o diz a toda gente
Guarda para o repente
Um futuro inclemente

Mas ela sabe da verdade
Do horror e iniquidade
E mostra a ele caridade
E toda a sua bondade

Dependes dela, canceiro!
Dependes dela, embusteiro!
Você já é quase derradeiro,
Você é quase um morto inteiro!

Viver pela bondosa dama
Tornou-se para ele chama
O divisar de uma cama
A qual ele não reclama

Servindo a ela como pode
Sendo a ela um acorde
Mesmo se ela não concorde
Com o tom desse acorde

Bebe dela, canceiro!
Bebe dela, cachaceiro!
Você é nela imagineiro,
Você é dela serviceiro!

De uma vida sem esperança
Aos sabores da bonança
Navega como ordenança
E aos mares já se lança

Movido pelo orgulho fino
De aceitar todo teu tino
Teu sonhar em troca eu nino
Entoando este hino

Já és dela, canceiro!
Já és dela em verdadeiro!
Você em si não é inteiro,
Você é dela termineiro

E poupando maior drama
Tua bondade me conclama
A canção que ela declama
Me eleva além da lama

Tornei-me um tanto viciado
No ar que tenhas respirado
Tua companhia, meu agrado
No viver tão desgarrado

Dá-te a ela, canceiro!
Dá-te a ela, milongueiro!
Você é vadio por inteiro,
Você sem ela é fuleiro!

Uma doce brisa fresca
Uma dança nababesca
De princesa e odalisca
Me sorri e me belisca

Uma valsa tão versada
Nesta prosa delongada
Companhia tão amada
Não se evade na jornada

Dança nela, canceiro!
Dança nela, sapateiro!
Você é pr'ela forrozeiro,
Você é dela perdigueiro!

E com passos bem profanos
Vão-se coletando os anos
No tablado caem os panos
Sobre o som destes pianos

Pr'uma dança do porvir
Fado algum vai intervir
Se um de nós se pressentir
Co'ò silêncio a encobrir

Grita a ela, canceiro!
Grita a ela, seu vespeiro!
Você é dela um valseiro,
Você é dela um companheiro!

Toma firme a minha mão
Em teu quadril de violão
Firmam os pés na posição
Bem no meio do salão

Faço todas as medidas
Pro salão tuas formosuras
Gostosura ou travessuras
Pra beldade em esculturas

Serve a ela, canceiro!
Serve a ela, verdadeiro!
Você é dela companheiro,
Você é nela verdadeiro!

Mas o baile não se encerra
Nem o corpo aqui me emperra
Verdadeiro gozo em Terra
De suor, sangue e guerra

Sou da valsa nobre filho
Preso a ela por fitilho
Dado à Musa com estribilho
Cancioneiro maltrapilho

Ergue a ela, cancionero!
Ergue a ela, esmoleiro!
Você sem ela é perdigueiro,
Você é dela candeiro!

Mas foi longo teu silêncio
Meu pranto rolou sem lenço
Se nas dores tanto penso
É porque ainda as venço

Meu mal canto foi roubado
O velho coração dilacerado
A agonia de sofrer calado
Nunca foi do meu agrado

Conta a ela, cancionero!
Conta a ela verdadeiro!
Você sem ela foi um enterro,
Você sem ela morreu meeiro!

Frente a ti não me envergonha
Que a verdade aqui se imponha
Brota d'alma tão tristonha
Confissão muito chorona

Simples são todos os fatos
Meu doer me torna um chato
Mais ainda te relato
Sem um falso cognato

Fala logo, canceiro!
Fala logo, fala inteiro!
Você é dela desejeiro,
Você sem ela é milongueiro!

Tua ausência me furtou
E o querer viver faltou
Se a promessa se honrou
O meu voto me salvou

Um voto de verbo vivo
Escondido em meu convívio
Dizer-te seria alívio
Doce paz num só sívio

Sabe o verbo, canceiro!
Sabe o verbo, cachaceiro!
Você quer dizê-lo inteiro,
Você é dele um romeiro!

Como pode um vil cantor
Mesmo frente a tanta dor
Silenciar em seu frescor
Um verbo seu interior?

Se não o digo é por pavor
De perder o bom favor
À Companhia em esplendor
Eu dedico o meu amor

Tu a amas, Cancioneiro?
Tu a amas, verdadeiro?
Finalmente dá-te derradeiro,
Finalmente dá-te cavalheiro!

Mas como todo e qualquer drama
Chega a hora em que a trama
Num abismo se derrama
E apaga a sua chama

E então pega quem se ama
Deitar-se em outra cama
Dá de ombros, não reclama
Segue mudo e conclama

Esse é o fim, Cancioneiro!
Teu amor não é predeiro!
O Rouxinol voou certo
Pra longe de ti inteiro!

Felicidade é o que desejo
Para ti, Rouxinol, ensejo
Nenhum mal eu lhe dardejo
Nem futuro eu lhe pretejo

Então eu sigo benfazejo
Solitário mas com um gorguejo
Com a memória do teu beijo
Segue em frente em teu festejo

Segue em frente, Cancioneiro!
Seu pilantra bem faceiro!
O Rouxinol voou certo,
Mas ainda é um xoxoteiro!

Hoje sigo bem distante
Em outra nuvem flutuante
Num amor inebriante
Com a bela Diletante

Mas meu coração pulsante
Sabe ser bem importante
Não cortejar a nova amante
Pois buscamos na mesma estante

Platonismo, Cancioneiro?
O que é isso, seu matreiro?
Finalmente respeitador,
Mas solitário por inteiro!

UMA CARTA AO ROUXINOL

Meu ainda amado Rouxinol

Há tempos anseio em saber como andas. Da última vez em que nos falamos, soube que estavas a morar com tua nova amada e que eram felizes juntas, e isso me encheu de gozo. Nunca prezei pela minha felicidade acima da tua, e se a solidão é a sina daqueles que caminham em estradas como a minha, que assim seja.

Escrevo para que saibas de mim, ainda que eu não tenha ideia sobre como esta carta chegara às tuas mãos, que tanta saudade suscitam em mim. Não só as mãos. Teu olhar jovem, vivo, e tua vontade de experimentar o que a vida pudesse por em teu caminho... tua juventude, é disso que sinto mais falta. Tua disposição para seres tu mesma enchia-me de orgulho, ainda mais em uma época em que eu mesmo não sabia o quão confusa minha identidade era. Não penses que te idealizo como um anjo. Jamais serias um, a não ser antes da mítica Queda. Certamente terias acompanhado Lúcifer Estrela da Manhã em sua rebelião contra o Altíssimo, e hoje estarias não no Inferno, onde não serias útil para o Mais Belo dos Anjos, mas na Terra, enfeitando pessoas incautas e tendo em humanos como eu teus iguais.

Mas divago. Falava sobre mim. Fisicamente, mudei um pouco. Os cabelos, que já não me eram abundantes, falham ainda mais em minha cabeça, e estão mais brancos. O diâmetro da cintura aumentou um pouco, e as dores se tornaram mais constantes, mas tenho a mesma disposição para andar, mesmo vivendo à base de analgésicos. Ainda tenho o mesmo sorriso vago porém profundo, os mesmos olhos

que tu descrevestes como capazes de ler a alma de alguém. Meus olhos não mudaram nem um pouco, aliás, somente aprimoraram sua capacidade e se tornaram um tanto perturbadores para aqueles que, diferentes de ti, não estavam ao lado do Príncipe da Luz na Guerra pela humanidade – duvido que vocês, anjos caídos, a chamem de Queda.

Entretanto, a mente mudou mais do que o corpo. Não que os abusos e excessos que cometíamos juntos não me entrettenham mais por se, mas fazê-los sem ti não tem a mesma graça. Como resultado, tornei-me mais recluso, mais afastado daquilo que, creio, mais amavas em mim: o brilho de ser um dos espíritos da rua ainda encarnados, alguém que não tinha surgido antes do Tempo, como tu surgistes, mas que está a passos de transcender a simples humanidade. Ainda sigo essa estrada, mas de outras formas. Sem tua companhia, a boemia perdeu o brilho e o sabor. Sou o malandro que chora pelo amor de uma mulher, como diz o ponto da Umbanda, e chorarei, mesmo que lágrima nenhuma seja derramada, pois tive por um tempo o Rouxinol – essa mulher – ao meu lado, e então ela voou. Voou porque tinha que voar, sei disso, mas ainda choro, ainda lembro, ainda espero.

Quando partiste, tentei seguir em frente, e posso até fingir que isso deu certo. Nunca achei aquela pessoa especial, e creio que nem mesmo tu, belo Rouxinol, sejas essa pessoa. Busco nas esquinas e nas igrejas, nos bares e nas reuniões dos Narcóticos Anônimos, nos bailes de favela e nas bibliotecas, e não a encontro. Fui fundo nessa busca, mas os dias passam e cada vez mais sou levado a concluir que a solidão, que é feroz e devora e amiga das horas e prima-irmã do tempo, decidiu enamorar-se por mim. Teus afagos, teu amor, embriagavam-me, como afagos e amores ainda me embriagam, mas nem mesmo este Cancioneiro consegue manter-se livre dos momentos de sobriedade, e é ali, nessas esquinas em que a embriaguez e eu nos separamos, que encontro quem me tornei: um Cancioneiro solitário, apesar de não estar sozinho, em uma estrada que, acredito, ninguém além de mim pode caminhar por ela.

Será que essa foi a razão pela qual partistes de minha vida, Rouxinol? Tu sempre viste meu futuro melhor do que eu mesmo, e quiçá já soubesses no que eu iria me tornar. Tua amada não tem culpa disso, eu bem sei: como combinamos no pri-

meiro toque de nossos corpos, teu coração nunca foi exclusivo meu, assim como o meu nunca foi exclusivo teu. Talvez tu não quisesses ver no que eu me tornaria? Um Cancioneiro solitário, ruína de mim mesmo, cercado pelos gatos que sempre lbe foram a verdadeira família? É certo dizer que por um tempo eu fui ruína de mim mesmo, mas é, às vezes, preciso demolir o velho para erguer o novo.

E estou me erguendo. Aprendi muito nestes anos, mas sem deixar de pensar em ti em dia nenhum. Se não te mando mensagens, é por não querer tirar-te de tua vida, é por amar-te tanto que prefiro te ver feliz ao invés de estar ao meu lado, enfrentando comigo uma turbulência que não é tua. É por não querer te arrastar para uma estrada que não é a tua, nem a de ninguém, só minha e de ninguém mais.

Mas em verdade, eu te digo: ainda te amo, Rouxinol. Ainda sinto tua falta. Mas prefiro ver-te a voar feliz do que presa a algo que não é teu problema.

Se um dia leres esta missiva, saberás como me achar. Se achares apropriado, manda dizer algo sobre ti, como estás, onde estás, se estás. Se quiseres, marca para nos vermos pessoalmente um dia. Farás este velho Cancioneiro feliz.

Com amor de fato eterno e sempre teu,

Cancioneiro

PS.: Chico Buarque sempre cantará Geni e o Zepelim melhor do que Isabella Tavianí. Talvez essa seja a única música que ele canta melhor do que os outros intérpretes de suas letras, mas bem sabes como prefiro a entonação dele, quase declamada, para avivar Geni, talvez o personagem mais interessante da Ópera do Malandro.

MEUS CONTATOS

- **Bazar Verde:** <https://www.bazarverde.com.br/Lu%20Cavalheiro>
- **E-mail:** lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com
- **Facebook:** <https://www.facebook.com/lu.cicerone.cavalheiro>
- **Instagram:** <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>
- **Itch.io:** <https://lucavalheiro.itch.io>
- **Loja Kindle:** https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5BD%C3%95C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&sprefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb_sb_noss
- **Twitter:** <https://twitter.com/luRPGcavalheiro>

A antologia *A Canção do Cancioneiro e outros poemas* foi escrita usando o editor de textos *VIM – Vi Improved*, versão 8.2, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>), diagramado usando \LaTeX e compilado usando o comando `lualatex`, versão 1.12.0, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>).

As fontes utilizadas no corpo do livro foram a *EBGaramond* e *Liberation Mono*, ambas disponíveis sob *SIL Open Font Licence*, cujo texto pode ser lido em <http://scripts.sil.org/OFL>, ambas com tamanho base 11pt.

Diagramado, editado e publicado no Brasil